

LUIZ GALDINO

PEGA LADRÃO





Luiz Galdino

PEGA LADRÃO



Serie Vaga-Lume



TEXTO

Edição:

Fernando Paixão

Assistência:

Marta de Mello e Souza

Preparação dos originais:

Regina Maria de Figueiredo

Suplemento de trabalho:

Maria Aparecida Spirandelli

ARTE

Layout de capa:

Ary de Almeida Normanha

Edição do miolo:

António do Amaral Rocha

Ilustrações de capa e miolo:

Paulo César Pereira

Produção gráfica:

Elaine Regina de Oliveira

Este e-book

Texto capturado na Internet

Revisão, formatação: The flash

QUEM É O AUTOR

Por volta de 1956, Luiz Galdino e seus companheiros de escola costumavam reunir-se na biblioteca de Caçapava, sua cidade natal, para ler e bater papo. Galdino era tão assíduo que acabou se tornando bibliotecário aos 16 anos. Apesar de escrever desde muito jovem, somente em 1979

conseguiu que um trabalho seu fosse publicado — participando pela primeira vez de um concurso, seu **Çarungaua**— foi premiado e incluído na antologia dos melhores contos infantis.

Desde então, passou a constar com frequência das listas de premiações, com obras para jovens e adultos. O Prêmio Literário Nacional, do Instituto Nacional do Livro, com **O príncipe da pedra verde** (novela), o Prêmio Nacional do Clube do Livro, com **Urutu Cruzeiro** (contos), o Prêmio Nacional de Literatura Infantil João de Barro, com **Sacici Siriri Sici**, o Prêmio Jabuti de Literatura Infantil 1985, com **Terra sem males**, são algumas das principais premiações obtidas.

Além de dedicar-se à literatura, Galdino lançou-se em outra fascinante empreitada: formado em Comunicação Social, viajou por três anos por todo o país, pesquisando arte indígena pré-histórica.

Nos lugares por que passou, visitou cavernas onde encontrou pinturas antiquíssimas de grande valor para a cultura brasileira.

Viajante, morou também no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Mas o seu lugar é mesmo em São Paulo, na capital, onde se estabeleceu na década de 60 e vive até hoje, trabalhando como diretor de criação de uma agência de publicidade.

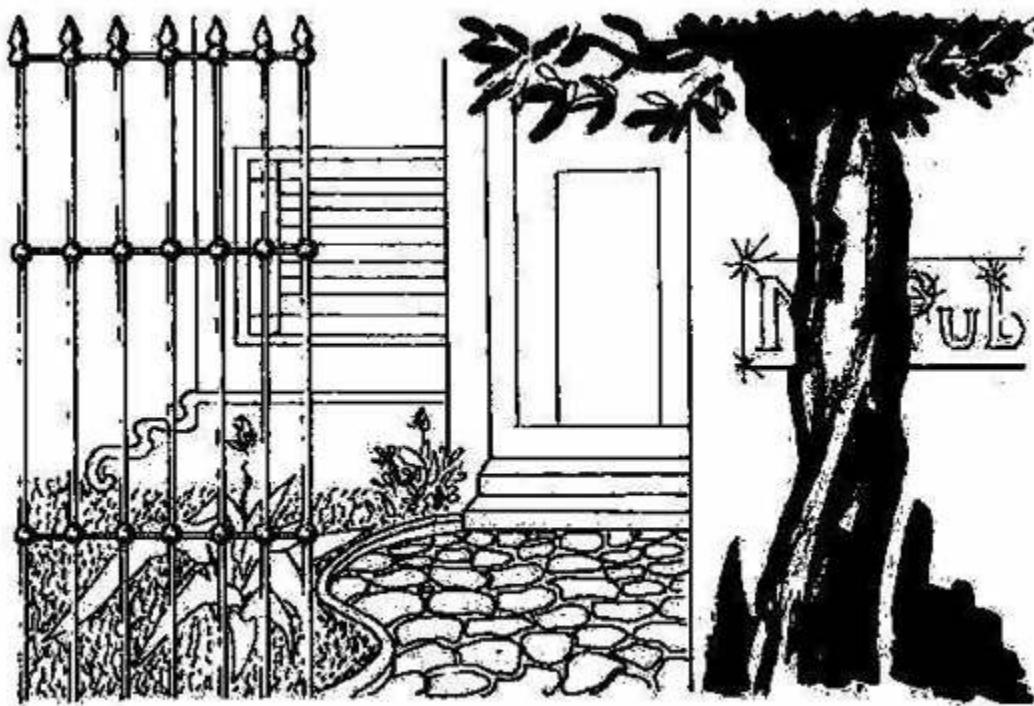
Sumário

[O primeiro dia de trabalho 6](#)

[Minutos que parecem horas 10](#)

[Uma revelação inesperada 12](#)

[Lá vem bronca! 16](#)



[Escândalo na agência de publicidade 19](#)

[Um ladrão entre os boys 24](#)

[O plano de Maurício 27](#)

[Zeca descobre Sarita 30](#)

[Tentativa de roubo ou acidente? 34](#)

[Assaltado ou assaltante? 38](#)

[Um encontro inesperado 41](#)

[Almoço em família 45](#)

[Surpresa em Itaberaba 48](#)

[O flagrante do relógio 52](#)

<u>Os mistérios da comunicação</u>	<u>56</u>
<u>A insuspeita beleza de Bruna</u>	<u>59</u>
<u>Dúvida cruel</u>	<u>62</u>
<u>Uma ideia de mestre</u>	<u>66</u>
<u>Montando o quebra-cabeça</u>	<u>69</u>
<u>O ladrão misterioso ataca novamente</u>	<u>73</u>
<u>Erro fatal</u>	<u>78</u>
<u>Um final quase feliz</u>	<u>83</u>
<u>Fim do livro</u>	<u>86</u>

O primeiro dia de trabalho

Zeca estava tão entretido com os próprios pensamentos, que por pouco não passa do ponto. Recobrou-se, pediu licença, desceu do ônibus. E

ainda tentava localizar a numeração da rua, quando percebeu a casa bonita com a placa de metal, identificando a agência.

Na preocupação de não se atrasar, acabara chegando cedo demais. Passou duas vezes diante do portão, indo e vindo, sem coragem para perguntar.

Com exceção do guarda, em pé na entrada, e da mulher, que varria o estacionamento para carros, a agência parecia deserta.

Na segunda volta, criou ânimo e perguntou:

— Eu queria falar com seu Gervásio... O senhor sabe se ele já chegou?

O homem conferiu as horas no relógio de pulso, antes de responder:

— Ele não chega antes das nove. É só com ele mesmo? Como o segurança o examinasse de cima a baixo, Zeca resolveu falar claro e evitar dúvidas eventuais:

— Eu começo a trabalhar hoje, e mandaram que me apresentasse a ele.

A mulher de avental azul interrompeu a varreção e indagou, curiosa:

— Você é o novo *boy*?

— Sou... Sou eu mesmo.

Diante da interferência, o vigia dirigiu-se a ela, interpelando:

— Ermelinda, você está sabendo de alguma coisa?

— O que sei é que hoje ia começar um novo *boy*. Vai entrar no lugar do Tonho.

O homem voltou a consultar o relógio. Mostrava-se indeciso sobre que atitude tomar e a mulher sugeriu:

— Manda esperar na recepção. Glorinha já deve estar chegando.

Mais à vontade, o guarda encaminhou-se até a porta de

dentro,

fazendo sinal para que Zeca o seguisse. Abriu a porta, acendeu as luzes e indicou-lhe a poltrona:

— Espere aí, que a recepcionista não demora.

Zeca acomodou-se e se pôs a examinar aquele que seria o local de trabalho do seu primeiro emprego.

Se, do lado de fora, a casa impressionava, dentro, então, era um verdadeiro luxo.

Zeca estava deslumbrado com os móveis, carpetes, revestimentos, vidros e espelhos. Tudo cheirava a limpeza e bom trato.

Entretanto, o que mais despertou sua atenção foram os quadros dependurados nas paredes.

Venceu a inibição e levantou-se para examinar de perto. Alguns emolduravam medalhas de premiações e a maioria era de anúncios dos produtos conhecidos, que vira tantas vezes nas revistas coloridas ou nos comerciais da televisão.

Após dez ou quinze minutos, chegou, finalmente, a primeira funcionária. E que funcionária!

Era uma garota muito atraente, loirinha, de olhos verdes, o cabelo preso num tufo sobre a nuca, botas de saltos altos e canos

longos, joias e bijuterias, coisa de capa de revista. Se lhe dissessem que era diretora de algum departamento, ele acreditaria.

Ela entrou, cumprimentando e sorrindo, os dentes bonitos à mostra:

— Olá! Então, você é o novo *boy*? Provavelmente, o vigia a tivesse prevenido quanto à sua presença.

— Sou eu mesmo... Estou começando hoje.

A garota colocou a bolsa sobre a mesa de telefonese apresentou-se com simpatia:

— Eu sou Glorinha, a recepcionista... Como você se chama?

— José Carlos.

— Seja bem-vindo e fique à vontade. O Gervásio não deve demorar.

Glorinha subiu a escadaria, que conduzia ao pavimento superior, e Zeca ficou pensando com seus botões: se a recepcionista parecia artista de televisão, como não seriam os outros funcionários?

Em pouco tempo, a agência criava vida. Entravam todos ao mesmo tempo, como se houvessem combinado o horário de encontro.

Conversavam entre si, ditavam ordens, pediam a Glorinha ligações telefônicas urgentes.

Zeca nunca vira tantas garotas bonitas juntas. Nem tantas pessoas tão bem vestidas. Sentado no canto mais retirado da recepção, tratou de esconder os tênis manchados sob a banquetta.

Por fim, chegou Gervásio, o chefe de pessoal, a quem deveria se apresentar.

Glorinha entrou sorrindo e cumprimentando: — Olá! Então, você é o novo *boy*?



*Glorinha entrou sorrindo e cumprimentando:
— Olá! Então, você é o novo boy?*

O homem entrou apressado, Glorinha interrompeu a ligação telefônica para avisá-lo, antes que subisse:

— Gervásio... Aquele garoto é o novo *boy*. Ele está esperando por você.

O chefe estacou no pé da escada, ao mesmo tempo que Zeca se levantou.

— Ah, sei... Acompanhe-me — ditou Gervásio, seco. E enveredou pelo corredor, economizando conversa.

Numa sala, entre vários garotos reunidos, indicou:

— Este é o Giba, chefe dos *boys*... Ele lhe apresentará seus companheiros e explicará suas funções.

Giba não apresentou ninguém, e tão logo o chefe virou as costas, saiu atrás. Nem os outros *boys* mostraram maior entusiasmo pela presença de Zeca. Limitavam-se a conversar entre si, às vezes, aos cochichos.

Minutos que parecem horas

Zeca sentia-se encabulado, porém não se deixou abater. De certa forma, considerou normal a reação dos garotos, já que não o conheciam.

Mais dia, menos dia, acabaria se entrosando com a turma.

Sentado a um canto, em silêncio, pensava em como era duro o primeiro dia de trabalho.

Chato sentir-se estranho, não conhecer ninguém. Então, ouviu um dos garotos falar claramente:

— Não sabia que tinham posto anúncio pra *boy*... O loirinho ao lado esclareceu com ar maroto:

— Não puseram!

— Não? Tem certeza de que não puseram anúncio?

O garoto afetou espanto, enquanto o loirinho se divertia com a trama. Zeca tamborilou os dedos sobre o tampo da mesa, mas não levantou a vista. Estava claro que se referiam a ele.

Os *boys* voltaram a cochichar e a rir, até que um deles deixou escapar, num volume de voz suficiente para ser ouvido:

— Será que é algum espião do Gervásio?

Aparentemente, apenas um dos *boys* desaprovava a brincadeira. O

nissei só tinha atenções para a sua lapiseira. Não se cansava de empurrar e recolher a ponta de grafite. Os demais, embora não participando ativamente, divertiam-se com as artimanhas dos engraçadinhos, ao mesmo tempo que ignoravam ostensivamente o novo companheiro de serviço.

Zeca sentia o suor brotar, umedecendo-lhe a testa. Não via a hora de o mandarem realizar qualquer serviço. Pelo menos, na rua, estaria a salvo daquelas brincadeiras desagradáveis. E, quem sabe, quando voltasse, seria recebido como um veterano.

Felizmente, Giba retornou à sala, e sua presença foi o suficiente para que os garotos mudassem de comportamento. Auxiliado pela garota que o acompanhava, esparramou o material sobre a mesa e propunha-se distribuir as incumbências, quando ela cobrou:

— Ninguém me apresenta, não?

O chefe dos *boys* voltou-se na direção de Zeca e tentou:

— Este é... É o novo *boy*.

— Tudo bem? — cumprimentou ela, sorrindo.

— Tudo bem.

A voz dele quase não saía. Ela replicou:

— Você tem nome?

— Ah, é José Carlos...

— Ah, é José Carlos...— imitou um engraçadinho em falsete.

Zeca encabulou, porém prosseguiu:

— Mas o pessoal me chama de Zeca.



— E eu sou Sarita, secretária... — respondeu ela. Como alguns *boys* voltassem a rir e a cochichar, ela instruiu:

— Não ligue para eles, não. Eles são meio bobinhos mesmo.

A reprimenda em tom de brincadeira só serviu para conturbar ainda mais o ambiente. E alguns foram:

— Buuuuuu! Foraaaaau!

Sarita despediu-se com um aceno gracioso e retirou-se.

Giba iniciou, então, a distribuição do material. À medida que chamava, os *boys* pegavam os envelopes ou pacotes, ouviam as instruções e saíam pelo corredor interno.

Zeca não perdia nada, atenção total nos gestos e palavras. E pelo que ouviu, concluiu que não havia grandes mistérios. As tarefas consistiam basicamente em entregar e retirar anúncios em jornais ou editoras, serviços de banco e correios, faturas para clientes e coisas do gênero. Exatamente o que imaginara: serviço de levar e trazer.

Cada *boy* recebia o número de passes necessários para a condução, de acordo com o roteiro a ser percorrido. Reparou que eram passes escolares e animou-se com a ideia de se encontrar entre estudantes como ele.

Por fim, ficaram apenas ele e mais um. O sujeito olhou para o seu lado com cara de poucos amigos, como se adivinhasse o que estava para acontecer. Quando pensou que Giba se dirigiria ao outro, ouviu na sua direção:

— Hoje, você vai de acompanhante! Trate de aprender rapidinho, porque amanhã vai pra luta sozinho! Entendido?

— Entendido — respondeu Zeca, levantando-se prontamente.

— Não precisa ter pressa. Quando Maurício receber o material, você sai com ele.

Uma revelação inesperada

Durante o intervalo em que aguardavam pelo material, os dois garotos não trocaram uma única palavra. Zeca percebeu que, vez ou outra, Maurício o observava, disfarçadamente.

Porém, como o outro não tomasse a iniciativa do diálogo, manteve a boca fechada.

No íntimo, justificava-se: se desse uma de enxerido, poderia talvez piorar a situação.

Quando já não conseguia mais mascarar a apreensão, viu-se salvo pela intromissão da copeira, a mulher que conhecera na entrada da agência.

— Você tomou café, Zeca?

— Tomei, sim senhora.

— Se quiser, é só ir na copa e se servir.

— Obrigado.

Ela passou a flanela sobre o tampo da mesa e interrogou:

— E marmita? Não trouxe, não?

— Não, senhora... Não trouxe...

— Ah, o garotão almoça na lanchonete, é? — brincou ela. Zeca percebeu a intenção, tratou logo de desfazer o mal-entendido:

— Que isso, dona Ermelinda... Eu não sabia que tinha onde esquentar.

Amanhã eu trago!

Ainda se explicava à copeira, no momento em que retornou a secretária, trazendo um pacote caprichosamente embalado.

— Maurício... Sua encomenda — anunciou Sarita.

— Pode entregar aí ao *boy*. Hoje, eu estou de instrutor — retrucou Maurício com displicência.

Apesar da atitude do colega, Zeca sentiu alguma simpatia na sua voz.

E apressou-se em pegar o pacote, que, apesar de volumoso e incômodo, pesava quase nada. Maurício apenas abriu a porta, indicando-lhe o corredor.

Ermelinda veio até a porta observar e intrometeu-se:

— Está vendo, Sarita? O Maurício arranjou assistente.

— Quem pode, pode. Não é, Maurício? — comentou a secretária, sorrindo.

Na recepção, foi a vez de Glorinha:

— E aí, Maurício? Vai de mãos vazias?

— Vou levar o garoto pra conhecer a cidade.

— Ah, que gracinha! E não ajuda a carregar o pacote?

— Eu queria, mas ele fez questão de carregar, não é mesmo? —

afirmou e voltou-se para Zeca, pedindo confirmação.

— Tadinho dele... — tornou ela e desatou a rir. Já na rua, Maurício interrogou, sério: — Pegou os passes?

— Peguei.

— Conhece bem a cidade?

— Conheço... mais ou menos...

— E as linhas de ônibus?

— Mais ou menos.

Maurício observou-o de lado, desaprovando:

— Mais ou menos não serve! *Boy* tem de conhecer tudo! E não adianta enrolar que o Giba sabe o tempo que cada um precisa pra fazer o serviço!

— Certo.

Após quase dez minutos de silêncio, no ponto, tomaram o ônibus.

Quando o veículo acelerou a marcha, Maurício interrogou como quem não quer mas está querendo:

— Você é protegido de quem?

Zeca surpreendeu-se com a pergunta direta e desentendeu:

— Protegido como? Não entendi...

— Se você não veio através de anúncio, alguém deve ter conseguido pra você!

— Ah, foi o Batista.

— Batista? — careteou o *boy*. — Que Batista?

— Ele trabalha numa gráfica. Diz que vem sempre pegar e entregar serviço na agência...

Maurício deu um intervalo, como se tentasse localizar mentalmente.

Em seguida, arriscou:

— Não é o Batista da Colorcor?

— Esse mesmo! Ele é namorado de minha irmã Marilena... e como sabia que eu estava a fim de trabalhar...

— Tudo bem — interrompeu o outro. — Quem tem padrinho não morre pagão, ué!

Mais à vontade com o início de conversa, Zeca comentou:

— Alguns *boys* não gostaram porque eu vim com indicação... Ficou uma situação meio chata.

— Quem não gostou? Ah, você deve estar falando do Russinho e do Claudionor.

— Acho que é.

Sentado do lado da janela, Maurício falava sem perder de vista o trajeto do ônibus.

— O pessoal fica desconfiado quando contratam alguém sem anunciar. Fica todo mundo imaginando que é um espião do Gervásio...

— O chefe de pessoal?

— Além disso, você não precisa se preocupar, que aqueles dois estão na mira do Gervásio. Não demora nada, vão pra rua.

— Eles não trabalham direito?

— Eles fazem o serviço, mas são muito folgados. Maurício voltou a examinar o trânsito. Depois, reatou:

— Você também não tenha ilusão! Indicado ou não, se enrolar, vai pra rua!

— Certo. Eu estou a fim de trabalhar sério. Preciso desse emprego.

De repente, o movimento tornou-se mais lento por causa do trânsito ruim. Maurício fez uma careta e tornou ao assunto:

— O pessoal está meio alvoroçado, também, porque mandaram o Tonho embora. Como você entrou no lugar dele, eles ficaram fazendo onda.

Mas você não tem nada com isso.

— Por que mandaram embora? Ele enrolava?

— O Tonho? Era o melhor *boy* da agência!

— O melhor? Então, por que despediram?

O companheiro hesitou um instante, mas em seguida abriu-se:

— Bateram uma carteira na agência e levaram uma grana alta da Claudete...

— Você quer dizer que roubaram uma funcionária? Quem é a Claudete?

— A Claudete é contato. Trabalha no atendimento de clientes.

— E foi... foi o Tonho?

— Foi nada!

— Então, por que despediram?

— O Gervásio cismou que foi ele!

Zeca sentia-se confuso. Não entendia como podia acontecer um negócio tão sujo num ambiente daquele nível. Jamais imaginaria um ladrão naquela casa; não entre os funcionários.

Pensou um pouco e arriscou:

— Você acha que não foi o Tonho...

— Tenho certeza que não!

— E por que o Gervásio cismou com ele?

— Porque ele era preto.

A princípio, Zeca não entendeu:

— Porque era preto?... Só por isso?

— Você acha pouco? — interrogou Maurício, encarando-o. — Para o Gervásio é muito!

Lá vem bronca!

— Horário de estudante?

Russinho interrogou para certificar-se de que ouvira corretamente e caiu na gargalhada. Os demais fizeram coro. E Zeca, que não aprovara a reação, estrilou:

— Qual é a graça? Estudante tem direito de sair mais cedo!

— Vá lá em cima e diga isso ao Gervásio!

Zeca pressentiu onde os *boys* queriam chegar e não gostou nada da história. A mãe havia de gostar menos ainda, se soubesse

que andava perdendo aulas por causa do emprego.

Ela não queria que ele trabalhasse antes de terminar o colégio. Se não fosse a influência de Batista, não teria conseguido.

Apesar disso, não desistiu. Na primeira oportunidade, pegou Giba de jeito e cobrou o horário de estudante. Não precisou nem da resposta: pela cara do chefe, percebeu que os garotos tinham razão.

— Se quiser cumprir horário de estudante, terá de fazer um requerimento para o Gervásio. E trazer atestado da escola.

A expectativa de defrontar o chefe de pessoal não lhe agradava nada.

E acabou por desencorajar-se ao perceber que, apesar do grande número de estudantes que trabalhavam na agência, ninguém saía mais cedo. Ao contrário, a regra era sair mais tarde e perder pelo menos a primeira aula.

Zeca ainda consultou Maurício, de quem se tornara amigo. O garoto não escolheu palavras para demovê-lo da intenção.

— Que é um direito todo mundo sabe! Porém, os poucos que tentaram acabaram sendo despedidos!

— Sério?

— O Gervásio não gosta de estudante.

— Poxa! Não gosta de preto, não gosta de estudante... De que ele gosta, afinal?

— Do patrão!

Como o garoto ficasse ensimesmado, Maurício completou:

— Quer um conselho? Se você precisa mesmo do emprego, esqueça o horário de estudante!

Zeca ouviu o conselho e desistiu. Passou a trazer o material escolar para a agência e, ao final do expediente, tocava direto para o colégio. O

jantar que esperasse pela volta.

No entanto, afora a correria para chegar a tempo de pegar a segunda aula, o resto ia bem.

Adaptara-se perfeitamente ao serviço, e os colegas já não lhe guardavam segredos. A convivência diária acabara por desfazer qualquer reserva em relação a ele.

Embora Maurício continuasse sendo o amigo mais chegado, falava com todos, discutia futebol, trocava discos e participava normalmente das brincadeiras, desde que não pusessem em risco o emprego.

Pelo menos as duas horas de almoço eram sagradas. Depois de lavadas as marmitas, os *boys* limpavam a mesa maior, armavam a redinha e partiam para um disputado pingue-pongue. E todas as diferenças reduziam-se, então, ao maior ou menor mérito esportivo.

De vez em quando, o intervalo do almoço ganhava uma graça especial. Era quando Glorinha decidia almoçar na agência, no refeitório dos *boys*. Marmita, jamais. Ela mandava alguém buscar sanduíche na lanchonete e sentava-se à mesa. E o almoço, então, transformava-se em festa. Sua presença dava vida nova ao ambiente. A descontração tomava conta de todos.

E, se assistia ao jogo, a disputa tornava-se acalorada.

Ser escolhido para comprar seu lanche constituía uma distinção especial. E se ela cismava de dar suas raquetadas, tornava-se difícil a decisão. Ceder-lhe a vez contava pontos importantes, mas jogar com ela era o maior de todos os privilégios.

Com exceção de Shiro, que se apaixonara por uma apostila de informática, os outros *boys* sonhavam com as atenções da

adorável recepcionista. E Zeca não era exceção. Corria na lanchonete, cedia sua vez no jogo, fazia o que ela pedisse. Todos disputavam suas atenções.

E, mal ela saía, principiava a discussão.

— Isso não é para vocês, não! — zombava Giba.

— Olha só a cara dele! Pode perder as esperanças! — retrucava Maurício.

— Chefe de *boys* é pouco pra ela!

E, invariavelmente, entrava Carlinhos, no tom de costume:

— Qualquer fim de semana, nós vamos juntos pra praia... Ele destoava visivelmente dos companheiros. Usava tênis importados, camisetas vistosas, calças de marcas famosas e relógio digital. Para completar, só falava de praia, surfe e veleiros. Assim, quando se intrometia na conversa, os companheiros murchavam, porque não dava mesmo para competir.

Num desses intervalos de almoço, Carlinhos gabou-se:

— No feriado de setembro, vou estar de prancha nova. E a Glorinha está doidinha pra aprender a surfar...

De todos os *boys*, apenas Russinho se arriscou a divergir:

— Esse cara pega onda é na Freguesia! Carlinhos negou importância aos apertes do colega:

— Olha pra mim, — Russinho. Vê se eu tenho cara de periferia.

— O que adianta andar de roupa bonita e não ter dinheiro nem pra condução?

O garoto lançara uma indireta para o companheiro, porque, pouco antes, Carlinhos havia confessado que estava sem dinheiro e pedira uns passes ao Giba.

— Fiquei duro, porque paguei o cursinho! Eu estudo, não sou marginal, não!

— Que cursinho, cara? Diga aí onde é que você estuda!

— Você não sabe, porque nunca passou perto de uma escola!

Russinho riu debochado. Os demais acompanhavam a discussão sem intervir. Ninguém apoiaria o Russinho, que não passava mesmo de um moleque folgado. Porém, a antipatia de Carlinhos andava longe de atrair qualquer solidariedade.

Naquele dia, com exceção de Shiro, que se mantinha absorto sobre o manual de micros, os demais esperavam apenas as seis e meia para saírem voando. Afinal, não era sempre que conseguiam sair no horário normal.

— Só mais cinco minutos e...

Antes que Carlinhos tivesse tempo para terminar a fala, entrou Giba, muito sério.

— Atenção, pessoal, ninguém sai!

— Por que não? Que aconteceu? — quis saber Maurício.

— O Gervásio quer conversar com a gente.

— E por que não se lembrou de conversar antes? O que ele quer? —

insurgiu-se Zeca, que tinha prova na escola.

— Não sei. Só disse pra segurar. Carlinhos traduziu o pensamento de todos.

— Lá vem bronca!



Escândalo na agência de publicidade

Pela maneira como o chefe de pessoal entrou na sala e fechou a porta, os *boys* entenderam que se tratava de coisa séria. E, no que abriu a boca, dissipou qualquer dúvida possível:

— Pensei que havia despedido o único ladrão desta empresa! Agora, vejo que aquele negrinho fez escola!

Zeca não queria acreditar no que ouvia; a custo continha o tremor das pernas. Os *boys*, inclusive o chefe, entreolharam-se, um mais ressabiado que o outro. Gervásio observava as reações, sem mostrar qualquer sinal de pressa na conclusão.

— Seu Dimas, contato de um cliente nosso, foi roubado dentro desta agência! Vocês podem imaginar a vergonha que isto significa para a nossa diretoria?

Diante da revelação, alguns baixaram a cabeça, enquanto outros procuravam por coisas inexistentes, nas paredes brancas.

Apenas Shiro sustentava o olhar indagativo do chefe, apesar do susto estampado na face.

— Giba... Todos os *boys* estão aqui? — interrogou Gervásio.

— Estão, sim senhor.

— E dona Ermelinda? Chame-a, também!

A copeira, que se responsabilizava também pela limpeza, desligou o aspirador de pó e apressou-se em atender ao chamado.

— Sente-se ali, dona Ermelinda! — comandou Gervásio. A mulher examinou assustada os garotos à sua volta e sentou-se no lugar indicado.

— Muito bem — tornou ele. — Agora, vocês vão tirar tudo o que têm nos bolsos e colocar sobre a mesa.

— Dinheiro também? — indagou Russinho.

— Principalmente dinheiro!

— Eu também? — perguntou a copeira, surpresa.

— A senhora também! Nada nos bolsos!

Bastante constrangidos, os garotos esvaziaram os bolsos, retirando carteiras de trabalho, pentes, lenços, fichas de telefone, passes escolares e muito pouco dinheiro.

— Não há mais nada? Não escondam, que será pior! Em seguida, Gervásio passou ao interrogatório:

— Que dinheiro é este, Giba? O chefe dos *boys* gaguejou:

— Este aqui... Este dinheiro é do caixa... E este é meu.

— Muito bem — comentou o homem, após breve exame das cédulas.

E passou adiante:

— Shiro... Você não tem dinheiro, não?

— Não, senhor. Eu uso passe escolar.

Gervásio observou-o e saltou a vista para o seguinte:

— Você é o Zeca? — E sem esperar resposta: — Quanto tem aí de dinheiro?

— Só isso... — mostrou, levantando duas notas no ar. O homem virou-se para o chefe dos *boys* e comandou, apontando para Zeca:

— Reviste-o!

Difícil dizer quem ficou mais encabulado. Os dois garotos encaravam-se resabiados quando o chefe de pessoal insistiu:

— Que está esperando?

Giba examinou primeiro os bolsos da calça e, em seguida, os da jaqueta.

— Não tem nada, seu Gervásio.

— Verifique na pasta escolar!

Giba remexeu o material de Zeca sem descobrir nada. Os olhos do chefe pularam, então, para o objetivo seguinte.

— E você, Carlinhos... Quanto tem aí?

O garoto mostrou as cédulas abertas no ar, de maneira que o chefe pudesse verificar.

Os colegas contaram com o rabo dos olhos e estranharam, pois Carlinhos havia dito que estava sem dinheiro. Ao contrário das expectativas, Gervásio deu-se por satisfeito e seguiu adiante.

Maurício mostrou os trocados, insuficientes até mesmo para a condução, e um passe escolar.

— Giba... reviste-o! — comandou o homem. Maurício mudou de cara.

E o chefe revistou-o sem resultado.

— Reviste também a mochila! Giba revistou com igual resultado.

Antes de comandar, novamente, o chefe de pessoal demorou-se examinando o Russinho, que já não sabia onde enfiar a cara.

Por fim, desatou:

— Muito bem, seu Russinho... De onde surgiu tanto dinheiro?

— Tanto? — quis rir, mas fechou-se diante da seriedade do superior.

— É de um disco que vendi ao Claudionor...



Giba examinou primeiro os bolsos da calça e, em seguida, os da jaqueta. Difícil dizer quem ficou mais encabulado.

Gervásio buscou a confirmação no ato:

— Onde está o disco?

— No armário — indicou Claudionor.

— Pegue-o!

O próprio Gervásio retirou o disco da capa e examinou o interior, minuciosamente. Sem nada encontrar, atirou-o com a embalagem sobre a mesa, com visível desprezo. Ao mesmo tempo, Giba constatava os bolsos limpos de Russinho.

O chefe de pessoal, porém, não se deu por satisfeito.

— De onde você tirou o dinheiro pra pagar o disco? — quis saber do Claudionor.

— Do meu salário.

— Você não dá dinheiro em casa? Não ajuda a família?

— Dou uma parte.

— Você precisa me ensinar como é que faz! Meu salário deve ser maior e não sobra pra discos, não!

Hesitou ainda um instante diante do garoto, mas acabou seguindo.

Frente a frente com a copeira, pensou duas vezes, demorou a falar. Depois, interrogou, carregando na ironia:

— A senhora não tem mais nada nos bolsos?

— Não, senhor.

— Tem certeza que não?

— Tenho, sim senhor.

— Então, paga o ônibus com estas chaves?... A mulher avermelhou, visivelmente.

— O senhor está suspeitando de mim?

— Da senhora, não! De todos!

— Então, vou-lhe dizer uma coisa: meu dinheiro está na sacola, mas se alguém botar a mão pra revistar, trago meu marido pra tirar satisfação!

Não sou criança e muito menos ladra!

Gervásio nem se abalou:

— Quem não deve não teme, dona Ermelinda. A senhora prefere que eu chame a Polícia pra revistá-la?

A copeira ameaçou choro; ele não se importou:

— A senhora serviu café na sala de reunião, à tarde? Serviu água ou qualquer outra coisa?

Ela não respondeu; ele prosseguiu:

— Quando serviu o café, o seu Dimas se encontrava na sala?

Responda, dona Ermelinda!

A mulher enxugou os olhos no colarinho do avental e resolveu abrir o bico:

— Estava ele, seu Bruno, dona Claudete e seu Olímpio. Eu servi o café e saí sem botar a mão em nada.

— E quando voltou para recolher as xícaras? Ainda se encontravam na sala?

— O seu Dimas tinha acabado de sair. Estava conversando com

a

dona Claudete, na portaria.

Gervásio ruminou um pouco e tornou à carga. Dirigiu-se, depois, ao grupo:

— Quem mais esteve na sala de reunião, durante a visita do seu Dimas? Não escondam nada, porque amanhã tratarei de confirmar tudo com o pessoal do atendimento.

— Eu estive duas vezes, a chamado da dona Claudete — apressou-se a revelar Giba —, mas estavam...

Giba ia dizer que se encontravam todos na sala, mas Gervásio ignorou:

— Ninguém mais esteve lá em cima?

— Eu estive. O seu Bruno me chamou pra comprar cigarro — declarou Russinho.

— Estavam todos na sala de reunião?

— Estavam, sim senhor.

— Tem certezade que não ficou sozinho nem por um minuto?

— Fiquei, não senhor. Pode perguntar pro seu Bruno. O inquisidor contentou-se e tornou aos demais:

— E então? Ninguém mais? Ninguém foi ao banheiro ou passou perto da sala, durante a reunião?

— Nosso banheiro fica embaixo, seu Gervásio... — esclareceu Giba, reticente.

Gervásio ia dar por encerrada a sessão, quando a copeira interveio sem ser consultada:

— Se eles saíram da sala, qualquer um poderia ter entrado lá e roubado o dinheiro! Por que somente nós temos de passar por esse vexame doido?

O homem girou o pescoço para enquadrá-la melhor. Por trás dos óculos de grau, os olhos divertiam-se com o pano que ela trazia amarrado à cabeça.

Em vez de responder, dirigiu-se ao chefe dos *boys*:

— Pode dispensar, Giba.

Um ladrão entre os *boys*

— Eu sempre disse que não era o Tonho! — afirmou Maurício, recordando a injustiça.

— O Tonho está fora, não conta mais! O negócio é que tem um ladrão aqui e a gente precisa descobrir quem é! — retrucou Giba.

— Por que aqui? — contrariou Zeca. — Pode ser qualquer um da agência! Até gente de fora!

O chefe dos *boys* mediu-o com visível antipatia:

— Ah, é? Me diga como é que um estranho ou mesmo alguém da agência entraria no meio de uma reunião e roubaria o dinheiro, sem que ninguém visse?

— E *boy* poderia roubar sem ser visto? Qual é a diferença? Por acaso, *boy* é invisível? — retrucou Zeca, desaforado.

Giba percebeu a contradição e saiu pela tangente:

— Não conheço *boy* invisível, porém conheço muito *boy* malandro!

Zeca sentia-se revoltado pelo ataque dirigido exclusivamente contra os garotos, mas tratou de arrefecer os ânimos. Não ganharia nada discutindo com o chefe, nem contribuiria para a elucidação do caso.

A verdade é que o novo roubo criara um clima horrível entre eles.

Primeiro, porque se tornava evidente, agora, que Tonho fora despedido sem culpa, enquanto o verdadeiro autor dos furtos mantinha-se no anonimato. E

depois, principalmente porque a situação fazia que um suspeitasse do outro e ninguém confiasse mais em ninguém.

— O Gervásio tem razão! Isso é coisa de *boy*. E até desconfio quem seja...
— reforçou Giba.

— Quem você acha? — arriscou Claudionor.

— O ladrão não perde por esperar! Vou ficar de olho! Apesar das indiretas de Giba, Russinho apontou sua mira na direção oposta:

— Eu queria saber é de onde sai tanto dinheiro pra comprar tênis importados, calças caras, camisetas, relógios...

O acusado riu, despreocupado:

— Quem pode, pode!

— Eu vou descobrir quem é o rato! E aí nós vamos ver quem pode e quem não pode! — respondeu Giba.

— Descobrir? Eu tenho certeza de que você já sabe quem é... —

insinuou Carlinhos. Russinho percebeu onde o outro queria chegar com a insinuação e defendeu-se:

— O Giba me revistou e não achou nada.

— Isso mesmo! — apoiou o Claudionor. — A dúvida vai ficar por conta de quem não foi revistado!

Giba desgostou dos novos rumos da conversa e interveio:

— Só não foi revistado quem estava acima de suspeita! Maurício retrucou no ato:

— O Gervásio já se enganou uma vez com o Tonho. Quem pode garantir que não se enganou de novo? Se revistou um, tinha de revistar todos!

Carlinhos defendeu-se, acusando:

— Qual é, Maurício? Você está se entregando...

— Me entregando, eu? Não entendi!

— Do jeito que você defende o Tonho, dá até pra desconfiar. ..

— Desconfiar de quê? Fala!

— Ou você era parceiro dele ou está com a consciência pesada!

Maurício virou fera. Se Carlinhos não desse dois dele, a situação ficaria preta. Sem outra saída, ameaçou:

— Pode deixar! Eu vou tirar a limpo essa história que o Russinho contou. E você vai ter de explicar direitinho de onde sai o dinheiro pra comprar tanta coisa!

Carlinhos deu de ombros; não ligou a mínima. Porém Giba interessou-se:

— Que história é essa que eu não estou sabendo? Maurício encarou Russinho, sugerindo que contasse, porém o outro baixou a cabeça. Então, ele mesmo passou a versão ouvida:

— O Russinho disse que o Carlinhos mora numa biboca, lá prós lados da Freguesia...

— E o que isso tem a ver com os roubos? — desentendeu Giba.

— Tem que o Carlinhos vive dizendo que mora no Brooklin... e que a família dele tem grana...

Giba voltou-se para Russinho:

— Você disse isso?

O outro hesitou antes de confirmar:

— Disse.

— E é verdade?

— É mentira! — antecipou-se o acusado.

— É verdade ou não é? — insistiu Giba. Custou, mas Russinho abriu-se:

— Não sei. Eu vi o Carlinhos numa casa lá na Freguesia, e a turma do bairro conhecia ele...

Carlinhos correu a explicar:

— Eu tenho uma tia que mora na Freguesia e conheço uma turminha lá... Vai ver, foi lá que ele me viu...

Giba ouviu, sem prestar muita atenção, e voltou-se para o Russinho:

— Quando a gente não sabe, não fala! Aliás, se eu estivesse no seu lugar, não abriria a boca!

— Por que não? Só eu que posso ser acusado?

— Acusando os outros, você não vai provar sua inocência! Eu ainda não engoli aquela história de assalto, não. E tenho certeza de que nem o Gervásio.

O *boy* murchou a olhos vistos. Carlinhos aproveitou para transferir o foco das suspeitas:

— Ninguém engoliu! Aquela história do assalto está muito mal contada!

O plano de Maurício

Dias depois, logo pela manhã, Zeca e Maurício tomaram o mesmo ônibus. Ambos desceriam no largo de São Francisco. Um tinha serviços de banco a realizar no centro velho. O outro tomaria o metrô, na praça da Sé; precisava ir até um cliente na Zona Leste.

— Está mau o clima na agência... — iniciou Maurício.

— Mau é apelido! — concordou Zeca. — E, enquanto não se descobrir o verdadeiro ladrão, a tendência é continuarem as acusações de parte a parte.

— Não vai demorar muito, não! Eu boleei um plano para acabar de vez com tanto mistério!

Zeca não gostou da maneira como o colega falou.

— Que plano é esse? O que você pretende fazer?

— Vou dar um aperto no Carlinhos!

Exatamente o que temia. Não havia dúvida de que a atitude do amigo era uma reação contra as insinuações de Carlinhos a respeito dele e de

Tonho.

Como o outro se calasse, Maurício recordou:

— Você reparou, naquele dia da discussão? Em vez de apertar o Carlinhos, o Giba ainda esculhambou com o Russinho.

— O problema é que não há nada de concreto contra o Carlinhos.

Nem sabemos se o Russinho está mesmo dizendo a verdade.

— Também não havia nada contra o Russinho, mas o Giba acusou ele assim mesmo!

— Ele não acusou; só insinuou, Maurício.

— É a mesma coisa!

Zeca sentia-se solidário com o amigo, pelo que ele pensava em relação a Tonho, porém não queria alimentar suspeitas, que

poderiam se mostrar depois infundadas. Entretanto, por mais que tentasse desviar-se do assunto, Maurício tornava sempre à mesma tecla:

— A troco de quê o Carlinhos inventaria uma mentira dessas? Se ele mente, deve ter alguma coisa pra esconder!

Zeca ainda tentou argumentar:

— Vamos supor que ele more mesmo na Freguesia... Isso não prova que o Carlinhos é ladrão.

— Se a família não dá dinheiro pra ele, ele deve tirar de algum lugar!

E vai ter de dizer de onde!

— É esse o seu plano? Pressionar o Carlinhos, para ele confessar?

Maurício pressentiu a reprovação no rosto e nas palavras do amigo:

— É melhor do que ficar de braços cruzados! Daqui a pouco, batem outra carteira e nós passaremos por mais um vexame! Eu não quero mais saber de ser revistado!

— Não sei, não, Maurício... Você viu como todos se enganaram em relação ao Tonho. Já te passou pela cabeça que você pode estar cometendo o mesmo erro?

— Ah, é, é?... E você já pensou que pode acontecer com um de nós o mesmo que aconteceu com o Tonho?

Zeca desviou a vista para o trânsito. Intimamente, não conseguia levar a sério a acusação de Russinho. E tinha a certeza de que, em outras circunstâncias, nem Maurício acreditaria. O amigo estava, de fato, revoltado com as insinuações do *boy surfista*.

Verdade que Carlinhos, às vezes, cansava com suas histórias de grandezas. Além de que só falava em pé de igualdade com Giba e Glorinha, devotando um quase desprezo aos demais.

Naturalmente, essas atitudes contribuíam para ele consolidar uma imagem antipática frente aos colegas. Porém colocá-lo como suspeito de roubo, sem qualquer prova, não tinha o menor cabimento.

— E daí? Pensou no que eu disse? — cobrou Maurício.

Zeca estava distraído; custou a captar o sentido da pergunta.

Seguramente, Maurício não aprovaria sua atitude, porém ele não podia fugir à própria consciência.

— Vai me desculpar, Maurício... Estou fora.

— Se a gente não fizer nada, nunca vai descobrir!

— Eu sei... Mas não quero ficar mal com ninguém. Não assim, sem provas.

Maurício desgostou, mas não desistiu:

— Eu nem te contei o plano...

— Você já me disse que vai dar uma prensa... Não é isso?

— Vou pegar o endereço da Freguesia com o Russinho e me plantar lá, no sábado.

Zeca riu, descontraído. Não conseguia imaginar o Maurício bancando o detetive, numas quebradas que ele nem conhecia direito.

— Você vai perder o sábado à toa.



— Perco sábado, domingo, o que for preciso, mas tiro esse negócio a limpo!

— Vai com jeito, Maurício... De repente, não é nada do que você está imaginando.

— Se não for, perderei meu tempo! E isso eu tenho pra jogar fora!

Zeca percebeu a decepção do companheiro e tratou de explicar:

— De qualquer jeito, não daria pra eu ir... Sábado é aniversário da minha velha; vai ter um almoço lá em casa com a Marilena e o Batista.

— É neste sábado o aniversário?

Diante da afirmativa, Maurício voltou a martelar:

— E se a gente fosse no outro fim de semana? Você toparia?

— Não estou a fim. Não me sentiria bem.

— Então, vou sozinho!

Zeca desviou a vista para a janela e agradeceu intimamente, porque o ônibus já se aproximava do largo, onde deveriam saltar.

— Estamos chegando. Temos de descer no próximo ponto —
comentou, puxando o cordão da campainha.

Desceram e despediram-se.

— Na agência, a gente se fala... — lembrou Zeca. Maurício seguiu em frente, sem dizer nada. O outro tocou em direção ao banco. Agora, toda atenção era pouca. Teria de caminhar até o centro bancário e, naquele pedaço, proliferavam os trombadinhas. O menor cochilo bastaria para ficar sem a maleta.

— Não gosto deste lado da cidade! — resmungou e apertou os passos.

Mal pensou, cruzou o garoto em disparada. Não teve tempo sequer para gravar a fisionomia. Apertou instintivamente a maleta contra o peito, prendendo-a com as duas mãos, enquanto o coração disparava. E, logo a seguir, passou uma multidão, correndo e gritando:

— Pega ladrão! Pega ladrão!

Desviou-se tão rápido quanto pôde para um dos cantos da rua, com medo de ser atropelado, mas percebeu que a correria freara logo adiante, na boca do largo. Deviam ter capturado o trombadinha.

Do meio do aglomerado, levantavam-se gritos ferozes:

— Lincha! Lincha!

Aproximou-se sem aliviar a pressão das mãos sobre a maleta. Um negro forte sustentava pelo braço o terrível assaltante: um negrinho franzino, que não teria mais de catorze anos.

Sentiu uma pressão estranha no peito, quase um enjôo. Virou as costas, imediatamente e afastou-se.

A caminho do banco, a boca ainda amargava. E um pensamento tomava conta de sua cabeça: aquele bem podia ser um garoto como Tonho, despedido? sem justa causa. Ou um garoto qualquer, a quem se negara o direito de trabalho, porque era preto.

Zeca descobre Sarita

Dia seguinte, durante o Almoço, Zeca relatou, impressionado, a prisão do trombadinha no centro velho. Russinho e Claudionor haviam lido sobre o caso no jornal do dia. Os outros não se importaram absolutamente com o relato ou com o destino do garoto.

Frente à pouca receptividade, Zeca recolheu-se ao silêncio. Na realidade, a reação dos colegas não se prendia a outra coisa senão à situação interna da agência. Por isso, só faltou agradecer, quando Sarita veio lhe pedir para comprar um sanduíche.

— Você me faz esse favorzinho? Eu ainda preciso terminar um trabalho pra daqui a pouco...

— Claro que faço! Vou correndo!

Foi até a lanchonete e voltou, tão rápido quanto possível.

— Aqui está, Sarita. Sanduíche, suco de laranja e troco.

— Pode ficar.

Como Zeca não entendesse, ela explicitou:

— Fique com o troco!

— Que isso! De jeito nenhum!

— Ah, um *boy* orgulhoso, hein? — brincou ela.

— Não é orgulho, não, Sarita. Eu penso que favor é favor, não tem nada a ver com recompensa. Dá pra entender?

A secretária deu as costas à máquina elétrica, apanhou a bolsa no espaldar da cadeira e guardou o troco.

— Então, muito obrigada — voltou a agradecer.

— Não tem de quê. Quando precisar...

— Quer dividir comigo? — ofereceu ela, mostrando-lhe o sanduíche.

— Obrigado, Sarita. Acabei de almoçar.

— Então, sente-se aí, me faça companhia...

Os olhos do garoto brilharam de satisfação. Embora ele passasse inúmeras vezes por aquela sala, durante o dia, nunca havia se sentado lá, para uma conversa amena. E vontade não lhe faltava, pois ali se reuniam as meninas, durante o intervalo do almoço. Eram secretárias, auxiliares de outros departamentos e até a Glorinha. Dos *boys*, apenas Giba e Carlinhos costumavam se aproximar.

— A não ser que você tenha algo mais interessante pra fazer... —

tornou Sarita, desembrulhando o sanduíche.

— Tenho nada. Se você não se incomoda...

— De jeito nenhum. Enquanto você foi à lanchonete, terminei a datilografia. Temos quase uma hora pra lanchar e conversar.

Zeca reparou nas folhas de papel caprichosamente distribuídas em várias pastas impressas com o logotipo da agência.

— Tudo isso é serviço de hoje? — interessou-se.

— Serviço da manhã. À tarde é que vem chumbo grosso!

— Antes de começar a trabalhar, fiz um cursinho intensivo de datilografia, mas era máquina comum...

— Ah, o garoto tem currículo! Quer dizer que já está pensando em mudar de função?

A ideia jamais lhe passara pela cabeça. Por enquanto, dava graças por conseguir manter o emprego de *boy*. Sarita percebeu sua perplexidade e indagou:

— Que foi, Zeca? Não me diga que pretende se aposentar como *office-boy*? O tom era de brincadeira, Zeca descontraiu-se:

— Não, não é isso... Sabe o que é? Este é o meu primeiro emprego. Eu nunca trabalhei antes.

— E o que fazia? Estudava?

— Eu estudo. Estou na oitava série. Ela franziu o nariz, desaprovando:

— Humm... Não está muito adiantado, não...

— Estou nada. Repeti a sexta.

— E pretende continuar os estudos?

— Pretendo. Estou a fim de fazer um cursinho...

— Ótimo! E o que pretende estudar?

Zeca sentiu-se traído. Por que fora dizer a ela que pretendia fazer cursinho? Sentiu que falara demais.

— E daí, Zeca? Que carreira pretende seguir?

Zeca coçou as orelhas, que queimavam. Por fim, decidiu-se pela verdade:

— O problema é esse. Ainda não sei o que vou estudar. Já quis ser jogador de futebol, advogado, engenheiro...

— Isso é normal. Até a época do cursinho, você descobre a sua verdadeira vocação.

— Tomara!

Sarita tomou o resto do suco e limpou os lábios no guardanapo de papel. Zeca a observava, estranhando: desde que começara a trabalhar na agência, só tivera olhos para Glorinha.

Agora, descobria que também Sarita era bonita. Uma beleza mais serena, diferente da de Glorinha, mas sem dúvida atraente. E

ele nunca havia reparado, apesar de vê-la diariamente.

— E publicitário?

— Que tem? — perguntou ele, pego de surpresa.

— Afinal, você trabalha numa agência de publicidade... Nunca te passou pela cabeça tornar-se publicitário? Redator, diretor de arte, contato de atendimento...

Zeca remexeu-se na cadeira. Novamente, sentia-se confuso.

— Já vi que não te agradaa ideia... — tornou Sarita.

— Não... Não é isso, não. Como ela esperasse, ele explicou:

— É que, antes de trabalhar aqui, não sabia nem o que fazia uma agência de publicidade. Eu pensava que publicitário era esse pessoal que anda por aí fazendo propaganda de remédios, distribuindo amostras grátis...

— Agora, já deu pra ver, não deu? Zeca pensou um pouco e confessou:

— Mais ou menos. Há umas pessoas no andar de cima que ainda não sei o que fazem.

— Quem, por exemplo?

— O pessoal do Benevides... Também a Lea...

— Lea faz pesquisa. Antes e depois de um lançamento, pra sondar a opinião pública.

E o pessoal do Benevides faz isto aqui... — explicou Sarita apontando para as folhas datilografadas nas pastas. — Eles são os responsáveis pelo planejamento.

Sarita percebeu o ar perplexo do *boy* e tentou de forma mais didática:

— O planejamento é o primeiro passo pró lançamento de uma campanha... Em seguida, esse planejamento vai pras duplas de criação...

— Na Criação, eu conheço a Graça e o Osvaldo.

— O Osvaldo e a Graça criam os comerciais e as peças de propaganda, em cima da estratégia traçada pelo planejamento.

Entendeu, agora?

— Estou começando a entender...

— Mais um mês e você conhecerá toda a rotina da agência. Espero que esteja gostando do ambiente, do trabalho.

— Estou... Claro que estou.

— Com essa cara? — ironizou ela.

Zeca ainda hesitou, porém não viu razão para esconder o que realmente o desgostava. Aliás, o fato já devia ser do conhecimento de toda a agência.

— Eu gosto do serviço. O problema é esse negócio de sumir dinheiro... Fica uma situação muito chata.

— É desagradável mesmo. A pior coisa que existe é não poder confiar num colega.

Sarita deu um intervalo para atirar o guardanapo e os restos de pão no lixo. Em seguida, confessou:

— Sabe que eu não consigo imaginar um ladrão entre os *boys*. São uns garotos tão maravilhosos!

— Você acha?

— Claro que acho! E você, não?

— Eu... Bem, eu não consigo desconfiar de ninguém.

— Melhor assim. Não corre o risco de desconfiar errado, não é mesmo?

Quanto mais a ouvia, maior se fazia a admiração de Zeca pela secretária. Enquanto os próprios *boys* se acusavam uns aos outros, ela simplesmente os achava maravilhosos.

Maravilhosa era ela. Como não descobrira antes?

Tentativa de roubo ou acidente?

— Zeca, vai lá no estúdio fotográfico, que o Otávio tá precisando de uma mão.

— Eu não ia entregar anúncio no jornal?

— Não vai mais! E anda logo que o Otávio tá esperando! Zeca levantou-se e saiu. Não entendia por que Giba o tratava de forma tão ríspida. Sentia que o chefe tinha algo pessoal contra ele. Aliás, só podia ser pessoal, pois, em relação ao serviço, jamais dera razões para reprimendas.

No pé da escada, imaginou que talvez fosse o jeito dele. Pensando bem, Giba não tratava Russinho ou Claudionor de maneira diversa. Nem Maurício. Apenas com Carlinhos mostrava-se mais à vontade. E com Glorinha, naturalmente.

Subiu até o pavimento superior, onde ficava o estúdio fotográfico, e apresentou-se a Otávio, que conhecia apenas de vista.

— O Giba disse que você estava precisando de uma mão...

— Ainda estou. De duas mãos, para ser mais exato — gracejou o fotógrafo.

— Entre e fique à vontade.

O estúdio fotográfico era uma sala ampla com paredes pintadas cada uma de uma cor. E sobre uma delas havia um espesso cortinado azul-marinho, imitando boca de cena de um teatro.

Zeca estranhou o vazio. Em todo aquele espaço, contou apenas dois móveis de formato estranho, em madeira compensada, um cabide com aventais na parede e uma espécie de tablado, pouco acima do chão, com duas sombrinhas abertas.

Otávio, que saíra quando ele entrara, retornou com alguns jornais velhos e uma lata de tinta.

— Pelo visto, não é bem o que você imaginava...

— Bem... Eu pensei que encontraria um monte de máquinas —

consentiu Zeca.

— O equipamento é muito sensível e custa um dinheirão. Só vem para o estúdio na hora de fotografar.

Zeca deu uma olhada à sua volta e interrogou:

— Onde eu ajudo?

Otávio examinou-o por um instante e interrogou:

— Você é bom pintor?

— Eu já pinte o banheiro lá de casa... — respondeu Zeca, surpreso com a pergunta.

— Ah, se tem experiência, fica mais fácil.

— O que eu vou pintar?

— Enquanto eu preparo a produção da foto, você pinta o fundo-infinito menor. Está bem?

Zeca acenou afirmativamente com a cabeça e aproximou-se da lata de tinta. Examinou à sua volta e ficou indeciso.

— Ah, pode usar o avental do Emídio. É a segunda vez que ele me falta este mês — tornou Otávio.

Zeca vestiu o avental manchado de tinta seca e ficou sem saber o que fazer. Diante da indecisão, o fotógrafo indagou:

— Que foi, Zeca? Não gosta de pintura, não?

Um tanto encabulado, Zeca confessou:

— Não é isso, não. Eu só queria saber onde é que fica o fundo-infinito...

Otávio riu a valer com a história. E apontou, em seguida, para um daqueles estranhos móveis, explicando:

— O fundo-infinito é aquela armação de madeira.

— Ah, é aquilo ali?

— Olhe bem para ele e me diga se não tem cara de fundo-infinito...

Zeca riu amarelo; o outro pediu:

— Forre antes o carpete com jornal e use todo o seu talento de pintor. De repente, a gente descobre que você tem jeito para diretor de arte.

— Pode começar? — correspondeu Zeca, mais descontraído.

Enquanto ele pintava, Otávio montou o tripé e a máquina fotográfica.

Depois, os spots para iluminação e as sombrinhas. Observou o foco da máquina, experimentou as luzes e corrigiu a posição da sombrinha, várias vezes, até pôr-se de acordo.

Ao final, aplaudiu.

— Tudo perfeito! Só falta a estrela!

Notando a curiosidade do *boy*, o fotógrafo revelou com ar maroto:

— Agora, você vai conhecer a estrela da nossa foto. Falou e saiu, retornando minutos depois. Em uma das mãos trazia algo encoberto por um pano branco. Caminhou pé ante pé e cantarolou, fazendo suspense.

Finalmente, depositou a peça com o pano sobre o fundo-infinito ao lado, onde preparou a fotografia, e anunciou:

— Senhoras e senhores, temos a satisfação de apresentar... Getal!... a margarina vegetal mais vegetal de todas as margarinas!

Num gesto rápido, Otávio retirou o pano e mostrou:

— Quando terminarmos a foto, a margarina é sua.

Enquanto o fotógrafo preparava a produção da foto, Zeca pintava o fundo-infinito menor. E daí até o final da tarde, acabaram-se as reservas.

Zeca divertiu-se a valer com Otávio, que se mostrava espirituoso por qualquer motivo, além de obter uma série de informações sobre fotografia de publicidade. Fora, sem dúvida, uma experiência bem mais interessante que enfrentar o trânsito e os trombadinhas na rua.



*Enquanto o fotógrafo preparava a produção da foto,
Zeca pintava o fundo-infinito menor.*

No entanto, mal botou os pés na sala dos *boys*, sentiu o clima adverso.

— Você gastou a tarde inteira pra pintar aquele fundo-infinito? —

cobrou Giba, severo.

Além do chefe, Shiro, Claudionor e Ermelinda esperavam pela resposta.

— Eu não fiz só isso! E não podia sair antes que o Otávio me dispensasse!

Zeca rebelou-se pela repreensão injusta e afastou-se. Foi até o armário pegar a pasta escolar, mais para desviar-se do assunto que por necessidade. E percebeu, então, a anormalidade.

— Quem mexeu no meu material? Giba observou-o com pouco caso.

— Aqui, ninguém mexeu em nada!

— Como não mexeu, se a capa está arrancada da pasta? A folha de passes estava aqui dentro! Alguém pegou!

Enquanto falava e mexia na pasta, a folha de passes caiu do meio do caderno.

— Não são estes os passes que você estava procurando? —

interrogou Giba, recriminando.

— São estes mesmos! — confirmou Zeca, conferindo. — Mas eles estavam dentro da capa plástica! Portanto, alguém mexeu!

Zeca percebeu, então, a copeira apontando disfarçadamente para o Claudionor. E, como ele não tomasse nenhuma atitude, ela falou claro:

— Eu vi alguém com essa pasta na mão não faz nem meia hora...

Claudionor voltou-se, instantaneamente, na direção da mulher. E

doeu-se com a indireta:

— Você tá precisando de óculos! Eu também fiquei aqui, quase a tarde inteira, e não vi ninguém mexer em nenhuma pasta!

— Tem certeza de que não viu, Claudionor? — ironizou a copeira.

Giba cansou-se da conversa e interveio:

— Tá faltando alguma coisa?

— Acho que não — negou Zeca.

— Então, pra que tanto escândalo?

— Quer dizer que mexem na minha pasta, rasgam a capa de plástico e eu tenho de ficar quietinho, é?

— Vai ver que a pasta caiu no chão e a capa rasgou sozinha — tentou Claudionor. Ermelinda balançava negativamente a cabeça. De saída para o corredor, envenenou mais um pouco:

— Se eu fosse você, não deixava nada de valor no armário... A gente nunca sabe se mexem por curiosidade ou com outras finalidades...

Assaltado ou assaltante?

Desde a primeira conversa com Sarita, Zeca não conseguiu mais tirá-la do pensamento.

E, quanto mais pensava na secretária, mais forte se tornava a impressão que ela lhe causara.

A verdade é que nunca uma garota ocupara tanto espaço no seu pensamento. E, no entanto, se estivesse apaixonado, poderia até se dar mal.

A troco de quê, uma secretária bonita prestes a entrar numa faculdade, se interessaria por um office- *boy* que nem o primeiro grau terminara?

Provavelmente, ele estava interpretando as coisas de maneira errônea. Sarita apenas se interessara em saber algo sobre sua vida porque era o seu jeito. Preferia falar sério a tratar de fofocas. Ela mesma não lhe dissera que achava todos os *boys* maravilhosos?

Zeca sentia-se confuso. E fazer o quê, se não conseguia parar de pensar nela? Enquanto ajudava Otávio, na tarde anterior, ele só pensava em contar-lhe a experiência, as conversas que tivera com o fotógrafo, as coisas que aprendera.

Finalmente, venceu as resistências e entrou. Na sala das secretárias, Claudete e Dorinha conversavam animadamente com outras e com as garotas do atendimento. Sarita, porém mantinha-se no seu lugar. Pelo jeito, estudava para alguma prova.

Zeca pensou em atravessar para a sala contígua, quando ouviu:

— Oi, Zeca...

O coração disparou.

— Oi, Sarita... Vi que você tava estudando, não quis interromper...

— Estava só recapitulando. Consegui dar uma lida geral, ontem à noite.

Esclareceu e fechou o caderno.

— Chega aqui. Ouvi dizer que você passou a tarde, ontem, no estúdio fotográfico... Como foi a experiência?

— Não sei se valeu pra alguma coisa... Na verdade, fui lá pintar o fundo-infinito...

— Não foi isso que o Otávio me falou.

— Não? O que ele disse?

Sarita percebeu seu encabulamento e tornou, mais séria:

— Bem, ele me disse que você realmente foi lá pra pintar o fundo-infinito... Mas elogiou, também, o seu interesse pelo trabalho dele.

— Sério? — perguntou Zeca, duvidando. — Eu não entendia nada, fiquei enchendo o Otávio de perguntas...

— Por isso mesmo ele gostou. Qualquer outro poderia ter ido lá pintar e não se interessar por nada do que acontecia em volta.

— Eu não sabia nem o que era fundo-infinito.

Sarita riu. E como era bonito o seu sorriso, os seus dentes, os seus cabelos.

— Ele me contou.

Enquanto falavam, abriu-se a porta da sala, e entrou Ermelinda seguida pelo Russinho. A copeira passou a flanela sobre a mesa e, percebendo restos de pão, interrogou:

— Não foi almoçar em casa, Sarita?

— Hoje, foi na base do lanche mesmo.

— Deus me livre! — reagiu a copeira, torcendo a boca. — Esses sanduíches de lanchonete fazem um mal danado!

Antes que Sarita pudesse dizer algo, Russinho aparteou:

— Eu não posso comer em lanchonete! Sabe por quê, Sarita?

— Por quê, Russinho?

— Faz mal pro meu bolso!

Disse em tom de piada e riu. Zeca e Sarita corresponderam. A copeira contrariou, com cara de poucos amigos:

— Eu não sei se o Russinho pode ou não pode comer na lanchonete...

Mas que tem gente aí com o bolso recheado, isso tem!

Sarita mantinha o ar divertido.

— Ué... Será que alguém ganhou na loteria e eu não fiquei sabendo?

Ermelinda interrompeu o serviço e encarou-a:

— Loteria? Ganharam foi na bolsa de seu Dimas!

A secretária constatou onde a outra pretendia chegar e tratou de desconversar:

— Ainda bem que estamos entre amigos, não é? A mulher azedou ainda mais:

— Amigos? Deixe o anel ou os brincos dando sopa, pra ver o que acontece!

A indireta, repercutiu com um mal-estar geral na sala. Os *boys* entreolharam-se ressabiados, Sarita não disse nada. Quando a copeira sentiu que não estava agradando e já se dispunha a sair, Russinho resolveu dar-lhe o troco:

— E o seu marido, hein, Ermelinda?

A mulher segurou o passo e perguntou com voz estridente:

— Meu marido? Que tem meu marido?

— Não era ele que vinha acabar com a raça do Gervásio? Ela só faltou espumar de tanta raiva:

— Ele só não veio pra não perder dia de serviço! Meu marido é trabalhador!

— E nós, o que somos? — interveio Zeca. Ermelinda ignorou a intromissão, seguiu dirigindo-se ao Russinho. Pelo brilho dos olhos, ela o comeria vivo.

— Se o Gervásio tivesse me revistado, ele vinha com tudo! E

botava

pra quebrar!

Disse e saiu. Russinho foi atrás, caçoando.

— Que foi, Zeca? Está sonhando? — interrogou Sarita.

— Tava me lembrando deu ma coisa... Você sabe como foi a história do assalto com o Russinho? Outro dia, alguém falou nisso... Eu fiquei de perguntar ao Maurício, mas acabei me esquecendo.

Sarita deu de ombros:

— Eu sei o que todos sabem. Russinho foi assaltado na rua e tomaram-lhe o dinheiro.

— Dinheiro da firma?

— Da firma e dele. Por que você pergunta?

Se não respondesse, poderia dar a impressão de que suspeitava do colega.

— Alguns *boys* dizem que ele inventou a história... E que embolsou o dinheiro.

— Que maldade! O Russinho seria incapaz!

Um encontro inesperado

Na sexta-feira, Zeca devorou o conteúdo da marmita com uma voracidade incrível. Quando se dirigia à pia da cozinha, Ermelinda interveio:

— Vai tirar o pai da força ou jogar conversa pra cima da Sarita?

— Nem um nem outro. Vou ao *Shopping*, comprar o presente da minha mãe.

— Dia das Mães já passou!— brincou a copeira.

— Amanhã é o dia da minha mãe! — enfatizou Zeca, enxugando as mãos no pano de prato.

— Lugar de enxugar a mão é na toalha do banheiro! — completou ela.

No *Shopping*, Zeca perdeu muito da disposição inicial. Não estava nada fácil comprar o presente, dentro do orçamento disponível.

A coitada da mãe ganhava sempre as coisas que faltavam na casa. Se a casa precisava de pratos, aproveitavam o aniversário dela e davam pratos.

E assim o rolo de macarrão, assadeira e tudo o mais. Há muito a mãe não ganhava um presente de verdade, algo para só ela usar.

Daí a ideia de Zeca. Ainda que fosse uma lembrancinha de pouco valor, queria dar-lhe algo que fosse exclusivamente dela.

Porém, oferecer o quê, se dispunha de tão pouco dinheiro e os presentes custavam tanto?

O desapontamento crescia. Já pensava em dar meia-volta e retirar-se, quando ouviu a voz inconfundível às suas costas:

— Já escolheu o meu presente? Zeca virou-se, surpreso.

— Oi, Glorinha, você aqui?

— E, então, já escolheu? — insistiu ela.

Os olhos de Glorinha brilhavam ainda mais que de costume, pulando das correntes para as pulseiras, dos brincos para os anéis. Pela quantidade de joias que usava, devia realizar-se circulando em meio àquelas vitrinas reluzentes, repletas de coisas bonitas.

— Afinal, o que faz aqui? — tornou ela, mais natural. E cochichando junto ao seu ouvido:

— Não tá pensando em assaltar a loja, tá?

Zeca sentiu o rosto corar, ela prosseguiu no mesmo tom:

— É preciso tomar cuidado, porque eles têm equipamentos eletrônicos, além de seguranças disfarçados de clientes.

Em vista da insistência, Zeca acabou confessando:

— Queria comprar um presente pra minha mãe... Ela não o deixou terminar:

— Ótimo! Vou ajudar você a escolher! Quer?

— Não vai dar não, Glorinha. Eu tava totalmente por fora dos preços.

— Que nada! Vamos encontrar um presente sensacional!

— Não precisa ser tão sensacional. O importante é que seja do tamanho do meu bolso — contrapôs Zeca, humilde.

Glorinha conhecia do ramo. Após examinarem brincos, correntes, bijuterias e perguntarem vezes sem conta os preços, acabaram descobrindo algo mais ou menos na medida entre o gosto e o custo.

— Ainda bem — suspirou o *boy*. — As balconistas já devem estar cansadas de tanta especulação.

— Bobinho! Elas estão aqui pra isso!

Zeca examinou os cabelos brilhantes da recepcionista, os olhos verdes sombreados e imaginou o gerente se derretendo todo.

Qualquer reclamação dela, seria capaz até de vir atendê-la pessoalmente.

— Tem certeza de que é isso mesmo que você quer? — interrogou Glorinha. — Se não estiver convencido, procuramos outra coisa.

— Está ótimo! Minha mãe vai adorar!

— E o preço, tá bom?

— Tá dentro.

— Então, tudo bem. Você fez uma belíssima escolha!

— Eu? Se não fosse você, teria ido embora! Eu tava apavorado!

A balconista providenciou uma caixinha para a corrente e arrematou com um lacinho delicado, que valorizou ainda mais o conjunto. Ao lado de Glorinha, Zeca percebeu a como os garotos e até alguns senhores a examinavam. Ela era mesmo bonita. E, além disso, tinha jeito de gente fina.

Não era à toa que as balconistas a distinguiam com tantos salamaleques.

Caminharam a pé até a agência. Zeca não cabia em si de contentamento: pela solução do presente e pela companhia. Até imaginava os comentários dos companheiros, quando soubessem que Glorinha o ajudara a escolher o presente da mãe.

Provavelmente, não acreditariam se contasse que ela se enganchara no seu braço, durante a caminhada, deixando muita gente com inveja.

— Obrigado, Glorinha — agradeceu, novamente, na entrada da agência. — Sem você, eu não teria conseguido.

— Ah, não foi nada. Qualquer hora, você me traz um chocolatinho.

Está bem assim?

Desconhecia Zeca que já haviam sido vistos. Quando puseram os pés na recepção, foram recebidos com uma verdadeira salva de assovios. Ele encabulou, ela nem um pouco.

Ao contrário, fez questão de revelar tudo:

— Vocês sabem onde nós estivemos?

Na sua interrogação havia uma ponta de malícia.

— Fazendo compras no *Shopping*.

— Com o Zeca? — estranhou Claudionor.

— Com quem mais havia de ser?

— Pena que Zeca passou a mão na minha corrente... E Glorinha enfiou a mão no bolso dele e retirou uma joia.



— Pena que Zeca passou a mão na minha corrente . . .
E Glorinha enfiou a mão no bolso dele e retirou uma jóia.

— Por que não me avisou? Eu iria com você! — ofereceu-se Giba.

Glorinha respondeu com desaforo:

— E você queria que eu fosse buscá-lo no salão de bilhar? Parece que não pensa em outra coisa!

A recepcionista lançava uma indireta para o chefe dos *boys*, que, nos últimos tempos, gastava os intervalos do almoço no salão de um bar próximo.

— Além do mais, eu estava muito bem acompanhada! Novos assovios e piadinhas.

— Pena que o Zeca passou a mão na minha corrente... Antes que Zeca pudesse esquivar-se, ela enfiou a mão no bolso da jaqueta dele e retirou uma corrente de ouro com um coraçõzinho. Em vista dos roubos recentes, alguns chegaram a estranhar o fato. Em seguida, porém, entenderam todos que só poderia ser uma brincadeira de Glorinha.

Após as vaia dirigidas a Zeca, ela recolocou a corrente no pescoço e iniciou a subida para a toalete. No meio da escadaria, parou um instante e ofereceu-se:

— Quem precisar escolher presente, é só me avisar! Eu adoro o *Shopping*!

Almoço em família

— Não precisava, meu filho! Agora, você vai passar o resto do mês sem dinheiro!

— Eu comprei o que podia, mãe. Não se preocupe. Dona Nadir ficou vivamente emocionada. Talvez, porque aquele fosse o primeiro presente que Zeca lhe oferecia com o próprio dinheiro.

— É uma beleza de corrente! Você teve bom gosto! — aprovou a irmã Marilena.

Frente ao elogio, Zeca dividiu as honrarias:

— Foi a Glorinha que me ajudou a escolher.

— Glorinha? Ontem mesmo, você não estava todo entusiasmado com uma tal de Sarita?

— A Glorinha é a recepcionista. Precisa ver que graça.

— Xiu... Pelo jeito, tem muita mulher nessa agência...

— E que meninas, hein, Zeca? — reforçou Batista.

O almoço prometia. Macarrão com carne assada e farofa, mais o tempero famoso de dona Nadir. Não faltaram nem as cervejinhas, patrocinadas pelo Batista. E, novamente, o assunto encaminhou-se para as meninas:

— E aí, Zeca? Afinal, por quem bate o coração: é pela Sarita ou pela Glorinha?

— Não tem nada a ver, Marilena. Se você conhecesse qualquer delas, saberia que estou fora do páreo.

Batista ouviu e embarcou na conversa:

— A Glorinha é muito bonita mesmo, mas não me lembro da Sarita. O que ela faz?

— É secretária do planejamento... Do Benevides...

— Não me recordo, não. Meu relacionamento é mais com a produção e criação.

Marilena desgostou de tanto entusiasmo:

— Aliás, você não precisa se recordar de menina nenhuma! Você é um homem comprometido!

Batista ria com descontração, mostrando enormes dentes brancos:

— Com ciúmes, Marilena? Não se preocupe, não. Com essas meninas também sou carta fora do baralho.

Zeca esperou pela explicação de Batista e tocou adiante:

— Sinceramente, não sei quem é melhor. A Glorinha e a Sarita são incríveis!

— A Glorinha é de parar pra olhar! — confirmou Batista, piscando para a namorada.

Zeca pensou um pouco e definiu-se:

— O que eu quero mesmo é ser amigo das duas. Aliás, todo o pessoal da agência é ótimo.

Não sei como agradecer a você pelo emprego...

Batista bateu o dedo na testa, como se recordasse de algo e dirigiu-se a Marilena:

— Você já contou ao Zeca, Marilena?

— Contou o quê?

O namorado desistiu e falou diretamente ao garoto:

— Eu tava dizendo pra Marilena que talvez eu e você vamos trabalhar juntos.

— Você tá falando de trabalhar na agência? — interessou-se Zeca.

— Exatamente. O Gumercindo tá de saída para outra agência, e o Osvaldo me convidou pra trabalhar como produtor gráfico.

— Que ótimo! E você vai?

Batista respondeu com um meneio de cabeça. Em seguida, esclareceu:

— Eu disse ao Osvaldo quanto precisaria ganhar pra sair da Colorcor... Mas pelo que o Gumercindo ganhava lá, acho que não vai haver problema.

— Tomara que dê certo!

— Se Deus quiser, vai dar! — intercalou dona Nadir, no vaivém de levar a louça para a pia.

Marilena levantou-se para ajudar; a mãe reprovou:

— Deixa a louça, minha filha, e faça companhia pro Batista. Eu estou acostumada, lavo num instantinho.

— O Batista não foge. A aniversariante é que vai ficar sentadinha, enquanto eu ajeito a cozinha.

Como as duas seguissem na labuta, Zeca retomou o diálogo:

— O pessoal da agência é ótimo. O problema são esses roubos... Não sei se minha mãe comentou com você...

— Que coisa mais desagradável, hein, Zeca? E ninguém sabe quem é, não há nenhum suspeito?

— O problema é justamente esse. Há uma desconfiança geral na agência. O que não falta é suspeito.

Batista pôs-se a rememorar sobre o pouco que conhecia:

— Ali tem uns *boys* bem malandrinhos...

— Por que você diz isso? — perguntou Zeca, curioso.

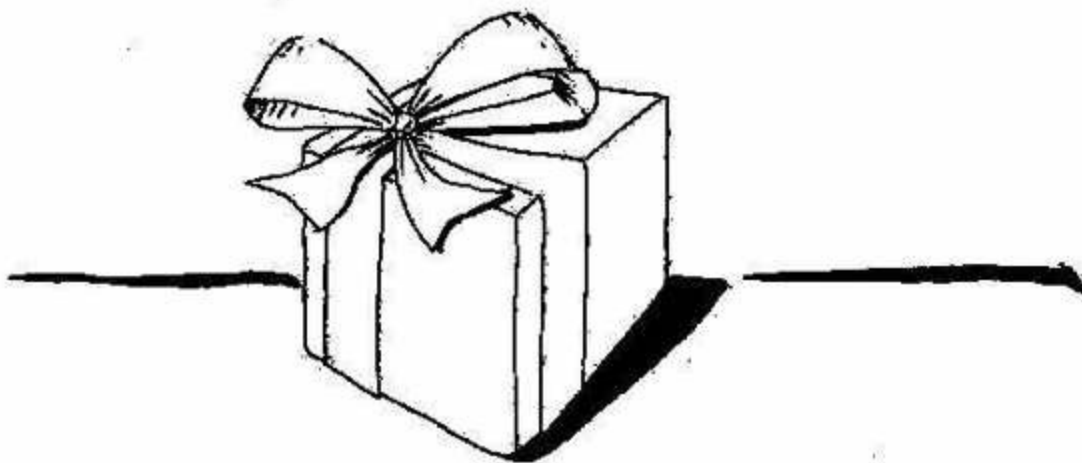
— O Russinho, por exemplo... Quando vai lá na gráfica, só se aproxima de maus elementos.

— Não sei... O Russinho brinca com todo mundo... O cunhado esticou o intervalo e acabou se lembrando:

— E aquele que anda sempre com o Russinho... Como é mesmo o nome dele?

— Claudionor.

— Outro dia, ele e o japonês foram na gráfica buscar uns folhetos.



Enquanto empacotavam o material, ele desapareceu. O japonês teve de ir buscá-lo no fliperama.

De repente, Zeca recordou-se de Maurício e de seu plano absurdo. No final do expediente, na sexta-feira, ele fizera a última tentativa de arrastá-lo junto. Frente a mais uma negativa de Zeca, deixara claro que iria sozinho.

Queria ser mico de circo, se não pusesse tudo em pratos limpos.

Às vezes, Zeca duvidava que Maurício pusesse o plano em prática.

Onde já se viu passar o sábado vigiando, pra saber se o colega dizia ou não a verdade? Outras, acabava acreditando em que ele realmente levasse o plano avante, tal a sua fixação com a ideia. Se assim fosse, com certeza, perderia seu tempo.

— Você conhece melhor o Claudionor... Que acha? Zeca voltou à realidade e careteou:

— Não acredito. Eu também fico tentado com os fliperamas, mas não vou assaltar ninguém por causa disso.

Batista reagiu com um gesto evasivo. Não tinha mais o que acrescentar.

— Aparentemente, o principal suspeito é o Carlinhos... — juntou Zeca. — Você conhece?

— Se conheço! É um garotão bem-educado, conversador... Não é esse?

— Esse mesmo.

O cunhado negava com a cabeça:

— Não tem perigo! O Carlinhos é gente fina!

Surpresa em Itaberaba

— Esse cara não mora! Se esconde!

Maurício começava a se arrepender de suas próprias suspeitas, quando o cobrador avisou:

— Pode descer no próximo ponto, que qualquer pessoa indica a rua.

Quase onze horas. Maurício suspirou de alívio, dirigiu-se até a porta da frente e desceu. Se Carlinhos tivesse realmente viajado, àquelas horas estaria surfando na sua praia predileta. Só que ele não acreditava nem um pouco nas histórias que o colega contava. Ou melhor, não queria acreditar.

— Hoje, ponho tudo a limpo! Nem que tenha de perguntar de casa em casa!

Segundo as informações do Russinho, deveria entrar à direita, na primeira rua após o ponto, e descer três ou quatro quadras.

Na esquina, encontraria um barzinho com bilhar. Era a rua onde morava Carlinhos. Não tinha como errar.

A caminho do ponto-chave, bateu a desconfiança. Se o Russinho tinha tanta certeza do que dizia e morava próximo do local, por que não quisera vir mostrar pessoalmente? Talvez, o sujeito estivesse se divertindo às suas custas, enquanto ele perdia o sábado caçando o que não existia.

— Ele me paga!

No entanto, se Russinho mentira, não o fizera por inteiro. Na terceira esquina, havia de fato um barzinho com mesas de bilhar.

Maurício aproximou-se e observou o movimento incipiente. Apenas uma das mesas achava-se ocupada.

— O senhor me dá uma coca-cola? — pediu.

O dono do estabelecimento colocou a garrafa e um copo sobre

o

balcão. Quando abriu Maurício criou coragem:

— Um amigo marcou encontro comigo aqui. O nome dele é Carlinhos... O senhor conhece?

— Carlinhos... Carlinhos... O que ele faz?

— Ele trabalha na cidade... Numa agência depropaganda...

— Agência de propaganda?

Pela cara de espanto, o comerciante jamais ouvira falar em propaganda. De qualquer maneira, interessou-se e perguntou a um dos rapazes que jogavam bilhar.

— Vocês conhecem algum Carlinhos que trabalha em... — hesitando, voltou-se para Maurício. — Em que mesmo ele trabalha?

Maurício aproximou-se da mesa e descreveu:

— É um garotão alto, mais forte que eu... Usa umas camisetas coloridas...

Um dos jogadores entendeu logo:

— É o Surfista! O filho de seu Maneco Lopes! E o proprietário concordou:

— Claro! Só pode ser ele! É que no bairro o pessoal só trata ele por Surfista... A gente acaba esquecendo o nome.

— É esse mesmo! Ele disse que morava aqui pertinho. O homem dirigiu-se até a porta e mostrou:

— Ele mora logo ali. Está vendo aquele sobradinho amarelinho? ...

— Ah, muito obrigado. Se ele demorar, dou uma chegadinha.

— Não sei se haverá alguém em casa...

Maurício tomou a coca no próprio gargalo e pagou. Agradeceu, novamente, e desceu a rua com destino à casa apontada. Não havia dúvida.

Seria coincidência demais encontrar alguém com o apelido de Surfista, naquele endereço, que não fosse o Carlinhos.

A meio caminho, porém, pensou na contradição. Se Carlinhos morava ali, mentira de fato.

No entanto, se o conheciam como Surfista, deviam ser verdadeiras as aventuras que ele relatava sobre praias, pranchas e veleiros. Talvez a família tivesse dinheiro mesmo.

Diante do sobrado, reparou. Embora não fosse nenhuma mansão, também não era casa de pobre, muito menos a biboca de que Russinho falara. Portas e janelas encontravam-se fechadas. Aparentemente, não havia ninguém na casa.

— Vai ver que ele tá na praia, belo e formoso... E eu, aqui, fazendo papel de bobo.

Sentiu o rosto esquentar com a hipótese. Em seguida, tratou de justificar-se:

— De qualquer maneira, ele mentiu sobre o endereço! Um tanto desenxavido, refez o caminho até o bar, encostou-se à mesa vaga e comentou com o proprietário:

— Acho que levei um tremendo cano... Não tem ninguém na casa.

— Eu tava mesmo achando que não havia ninguém... Hoje é sábado.

— Eles costumam viajar nos fins de semana?

— Não, viajar, não. Muito difícil.

Maurício sentiu-se aliviado. E pediu confirmação:

— Eles não costumam ir à praia?

— Praia!?

Havia um quase espanto no rosto do comerciante.

— Mais fácil chover dinheiro!

— Nem o Carlinhos?

— De jeito nenhum!

Em vista da perplexidade de Maurício, o homem ilustrou:

— A estas horas, seu Maneco Lopes tá com certeza na feira da Malhada. E o Surfista deve estar ajudando.

— Feira!? O senhor quer dizer feira livre?

— Justamente!



Por aquela Maurício não esperava. E, de novo, ficou em dúvida se falavam da mesma pessoa. Incrédulo, tentou:

— Será que estamos falando da mesma pessoa?

— Você não perguntou pelo Carlinhos Surfista?

— É... Acho que é ele mesmo...

— Pois, então, pode ir à feira da Malhada, que encontrará toda a família na banca de frios

— Banca de frios?

— É... Na banca de frios.

Agora, o homem o observava de modo estranho. Talvez, desconfiasse de tanta pergunta desencontrada. Maurício decidiu arriscar a última:

— Essa feira da Malhada é longe daqui?

— É só dobrar à direita na avenida e seguir cinco ou seis quarteirões.

Em poucos minutos, estava na feira. Passou pela banca de peixes, pelas frutas, legumes, verduras e temperos. De passagem, pediu um pastel e caldo de cana. Pela experiência que tinha de feiras livres, imaginou que a barraca de frios estaria no extremo oposto.

Não teve maiores problemas para descobrir. Havia duas bancas de frios, uma de cada lado do caminho. Aproveitou o trânsito intenso de pedestres, senhoras donas-de-casa na maioria, e pôs-se a observar em ambas as margens, tentando localizar o suspeito.

Maurício reparou num senhor grandalhão, de avental e boné branco, que batia palmas, chamando a atenção das freguesas para as salsichas e azeitonas pretas. Divertiu-se com a ideia de que o homenzarrão lembrava alguma coisa de Carlinhos.

De repente, deu de cara com o que procurava. Carlinhos já o havia visto. Entre salsichas e linguiças, ele permanecia imóvel, a cara mais desengonçada do mundo.

Era o próprio. Com sua calça de marca famosa, sua camiseta de surfista, seu relógio digital e um avental branco sobre a roupa.

Os dois ficaram se olhando por longo tempo, enquanto os transeuntes atravessavam às suas frentes. Finalmente, a senhora que servia na banca tocou no seu braço e ele mexeu-se do lugar.

Maurício virou-se, igualmente, e retomou o caminho de volta. O

coração aos pulos, ele não conseguia entender o que se passava. Perdera boa parte do dia, viajara até aqueles cafundós com o intuito de descobrir, porém não conseguia se alegrar com a vitória.

Ao contrário, a lembrança do companheiro, surpreendido na feira ajudando os pais, fazia com que se sentisse terrivelmente mal. No fundo, sentia-se como se tivesse sido pego fazendo algo que não devia.

O flagrante do relógio

Na segunda, pela manhã, Zeca notou o jeito arredio do amigo.

Maurício não conseguia dissimular o desapontamento. Em todo caso, como ele não se manifestasse, Zeca tomou a dianteira:

— E aí, Maurício? Montou a campana ou desistiu do plano?

Estava mais que evidente: o companheiro preferia não falar do assunto. Porém, diante do assédio, acabou contando. Relatou tudo nos mínimos detalhes, de maneira a não deixar dúvidas. Zeca ficou boquiaberto com a revelação.

— Essa jamais passaria pela minha cabeça!

— Se não tivesse visto, nem eu mesmo acreditaria!

— E, agora, você tá desapontado porque o Carlinhos não é quem imaginava...

As feições do colega denotavam contrariedade.

— Não sei se ele é ou não é! Nem quero saber!

— O que é, então?

— Sei lá... Eu desconfiava mesmo. No fim, descubro que o sujeito trabalha até nos fins de semana...

— Entendo...

Quando já se preparavam para deixar a cozinha, chegou a copeira, trazendo a bandeja de xícaras para lavar.

— Ah, vocês estão aqui, é?

— Não, estamos lá na portaria! — respondeu Maurício, mal-humorado.

— Ah, é? Pois deviam estar na sala dos *boys*! É lá que o Giba está procurando vocês, moleque malcriado!

— Vamos, Maurício... — convidou Zeca.

Na sala dos *boys*, Giba castigou:

— Onde vocês estavam?

— Na cozinha...— iniciou Zeca.

— E na cozinha é lugar de *boy*? — interrompeu Giba, duro.—

Por

acaso estão querendo tomar o lugar da Ermelinda?

Russinho aproveitou pra fazer piada:

— O Zeca ia ficar uma gracinha de copeira! Bastou para o chefe de *boys* transferir seu azedume:

— E você? Que está esperando? Já não recebeu sua tarefa?

— Já estou saindo — avisou Russinho, apressando-se.

— E vocês dois, também! — tornou Giba, indicando o material sobre a mesa. — Os endereços estão nos envelopes!

— Os passes! — cobrou Maurício, enfezado. O chefe atirou quatro passes sobre a mesa.

Zeca saiu e voltou atrasado para o almoço. Às duas em ponto, já recebia nova incumbência.

Passou o dia com a impressão de que nada daria certo. E não deu mesmo. Em todos os lugares, teve de esperar, sem falar da fatura que deveria receber e não recebeu.

Na agência, tão logo botou os pés na recepção, Glorinha o preveniu:

— Ih, está a maior confusão na sala dos *boys*!

— Confusão? A troco de quê?

— Roubaram o relógio do Carlinhos!

— Roubaram? Como? Ele tirou o relógio do pulso?

— Isso eu não sei.

Zeca perdeu o resto do ânimo, sentiu vontade de voltar para a rua.

Não suportava mais aqueles roubos e o clima de desconfiança que dominava a todos.

Assim que abriu a porta, Russinho anunciou:

— O Zeca chegou!

Giba virou-se ao mesmo tempo, interrogando:

— Você não viu o relógio do Carlinhos, não?

— A última vez que vi estava no pulso dele! — respondeu, seco.

— Acontece que agora não está no pulso, e ninguém sabe onde está!

— Tem de estar em algum lugar! Um relógio não desaparece assim!

Carlinhos, que se mantinha em silêncio, ergueu o rosto, para acusar:

— Claro que está! Está no mesmo lugar onde foi parar todo o dinheiro roubado!

Zeca desconcertou-se com a observação. Em seguida, inquireu:

— Você tirou o relógio do pulso?

— Não. O ladrão tirou do meu braço e eu não vi! — ironizou Carlinhos.

— Onde você o deixou? — prosseguiu Zeca, sem se importar com a ironia do colega. Carlinhos indicou o vitrô, com visível má-vontade:

— Ali no parapeito.

Zeca observou e mudou de tom:

— Eu não sei de nada! Estou na rua desde a hora do almoço!

— Isso a gente vai ver quando o Gervásio descer! Shiro, Claudionor e Russinho não diziam nada. Mantinham-se sérios além da conta.

— Quer dizer que vamos ser revistados, novamente? — preocupou-se Zeca.

— Tá preocupado por quê? Tem alguma coisa pra esconder? —

rebateu Carlinhos.

Nisso abriu-se a porta, dando passagem a Glorinha.

— E, então, já descobriram?

— Descobrir, como?

— Ora, é só um revistar o outro! — receitou ela.

— Em mim ninguém vai botar a mão! — rebelou-se Russinho.

Diante da revolta do *boy*, Glorinha amenizou:

— Eu acho melhor resolver entre vocês mesmos. Se o

Gervásio

souber

que houve outro roubo,

a situação vai ficar preta!

Shiro foi o primeiro. Antes que alguém dissesse algo, empurrou a

mochila para o centro da mesa e lavou as mãos:

— Minhas coisas estão aí! Quem quiser pode revistar! Glorinha tomou a iniciativa. Examinou a mochila à vista de todos e não encontrou nada de estranho. Em seguida, foi a vez do Russinho e, de pois, do Claudionor. Nem sinal do relógio com os garotos.

— Ainda falta o Zeca! — acusou Giba.

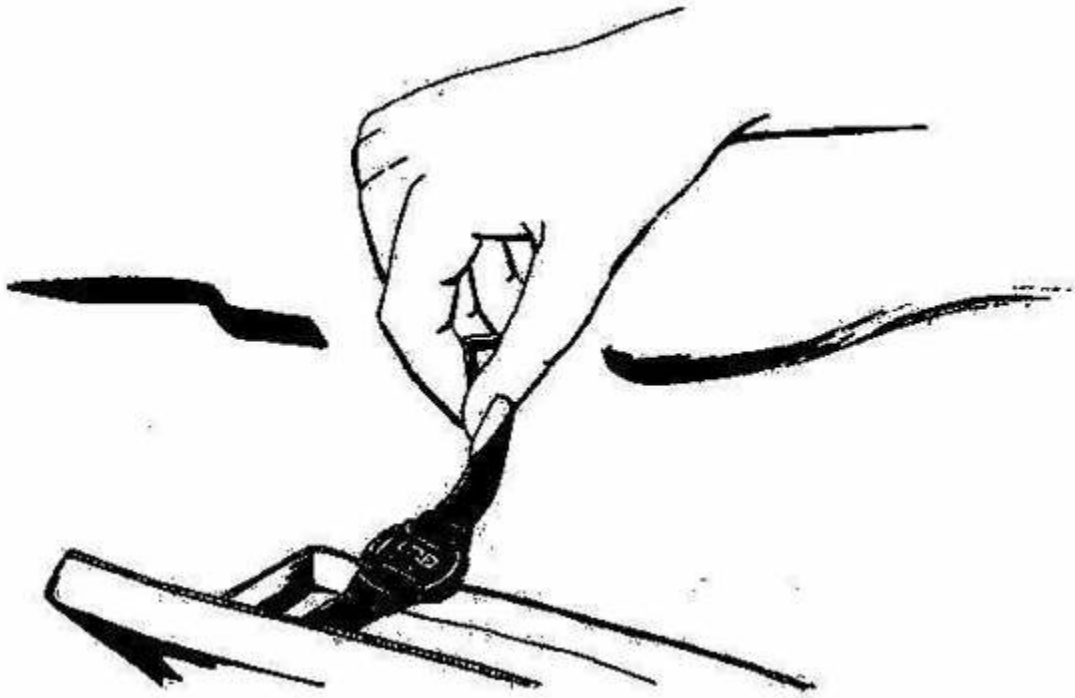
— E você também! — devolveu Zeca, ao mesmo tempo que pegava a pasta escolar no armário.

Os *boys* puseram-se em roda, à volta da pasta. Glorinha abriu, remexeu nos cadernos e já ia fechando, quando o Claudionor alertou:

— Não vai revistar o estojo de pano? O relógio cabe ali. Zeca fulminou-o com os olhos e declarou, azedo:

— Só tem lápis e caneta!

— Não custa nada dar uma olhada — insinuou Giba. — É só pra tirar a cisma.



Glorinha pegou o estojo, apalpou entre os dedos e fez suspense:

— Aqui tem alguma coisa, mas não é lápis nem caneta! Quando puxou o fecho, surgiu, para surpresa geral.

— O relógio!

Carlinhos pegou o relógio mais que depressa e acusou:

— Ladrão!

Zeca mais parecia um peru de tão vermelho. Queria falar, não conseguia. Por fim, gaguejou:

— Alguém... Alguém pôs esse relógio aí! Eu não peguei! Não sei de nada!

Olhava suplicante para cada rosto, porém todos só faziam acusá-lo. A cabeça estava prestes a estourar com tamanha pressão e as pernas tremiam de nervosismo.

Por fim, Glorinha abriu-se:

— Eu sempre desconfiei do Zeca! — disse ela séria e, em seguida, riu com estardalhaço.

Então, como que obedecendo a uma senha predeterminada, desmanchou-se toda a seriedade. E os *boys* rolaram de tanto rir.

Apenas Zeca e Carlinhos, que ignoravam a brincadeira, mantiveram-se sérios.

Sérios e com muita raiva.

Os mistérios da comunicação

Nove horas da manhã. Zeca procedia à rotina diária de distribuir os jornais pelos diversos departamentos. No rosto, trazia ainda marcada a revolta pela brincadeira de mau gosto do dia anterior.

No Departamento de Criação, Osvaldo pediu:

— Quando terminar a distribuição, dê uma chegadinha aqui. Está bem?

Zeca já conhecia Osvaldo, o redator que fazia dupla com Graça, a diretora de arte.

Eles sempre pediam algum favor: comprar cigarros, retirar dinheiro no banco, pagar conta de luz.

O assunto devia ser algo do tipo.

Logo que se desimpediu, retornou à sala.

— Pronto, Osvaldo, estou livre — apresentou-se. — Precisa de alguma coisa?

— Não... Não estou precisando de nada. Só pensei que você gostaria de se afastar um pouco da sala dos *boys*. Fiquei sabendo que lhe aprontaram uma bem indigesta, ontem...

Zeca ficou sem ação.

— Entra, Zeca! Senta! — convidou Graça, apontando para a poltrona vaga.

Giba e Gervásio não aprovariam a folga, mas se o pessoal da criação mandava...

— Então, você é cunhado do Batista... — iniciou Osvaldo.

— É... Ele é namorado da minha irmã Marilena...

— Você já sabe que ele vem trabalhar aqui?

— Ele comentou lá em casa... Disse que estava dependendo apenas do salário...

— Está tudo certo, acabei de falar com ele. Mais uma semana, no máximo, e ele será o novo produtor gráfico.

Zeca ficou satisfeito com a confirmação. E indeciso sobre o que fazer. Será que Osvaldo o chamara só para dar-lhe a notícia?

Ainda bem que o redator continuou:

— A vinda do Batista será boa para a agência, porque é um excelente profissional. E pode ser boa pra você, também. Já pensou nisso?

Claro que seria bom trabalhar com Batista. Afinal, conhecia-o; ele era namorado de Marilena. Porém, não via razão especial para alegrar-se. O que havia por trás das palavras de Osvaldo?

— O Batista vai chegar com toda a moral. Se quiser, poderá colocá-lo no departamento dele, como aprendiz de produção gráfica...

Agora começava a compreender.

— Até que seria bom... Mas eu não vou falar com ele, não. Fica chato...

— Não precisa falar. Nós falamos, não é, Graça?

— Deixa com a gente! — confirmou a colega.

— Não sei... De qualquer forma, agradeço.

Osvaldo levantara-se para observar os retoques que Graça aplicava ao desenho preso na prancheta. E corrigiu em cima:

— Aliás, você deve agradecer à Sarita. A ideia foi dela.

— Da Sarita?

— Ela acha que você tá perdendo tempo como *boy*.

— Vou agradecer a ela, mas se conseguir manter meu emprego já tá bom.

Diante de tanta gentileza, Graça levantou a cabeça, para examiná-lo:

— Xiii... Isso ainda vai dar em casamento...

Zeca ruborizou-se, não respondeu. Girou os olhos pelas paredes, onde se encontravam afixados vários *layouts* de anúncios, cartazes e folhetos.

— É uma campanha nova? — interrogou, tentando desviar-se do incômodo assunto.

— É o lançamento de uma revista feminina. Uma revista para mulheres emancipadas, inteligentes, que trabalham fora —

explicou a diretora de arte.

— Deu pra reconhecer a modelo do desenho? — tornou Osvaldo.

Zeca levantou-se, curioso, e foi observar de perto.

— Eu conheço, mas não consigo me lembrar quem é...

— Poxa, Zeca, não reconhece? — insistiu Osvaldo e brincou: — Deve ser o desenho da Graça que não ajuda.

— Não se parece com a Bruna? — tentou ela.

— Poxa, é ela mesma! Bruna Lombardi!

O *boy* vibrou com a descoberta. Aliás, era aquilo que mais o atraía na agência: aquela quase intimidade com gente famosa que as pessoas comuns como ele jamais imaginariam ver de perto. Pensava justamente naquilo, quando Osvaldo perguntou:

— Você já conhece a Bruna?

— Conheço da televisão, dos comerciais...

— Pois hoje você vai conhecer ao vivo. Às cinco, ela vem assinar o contrato.

Zeca perdeu a fala, só fez examinar os *layouts* presos às paredes. Os olhos brilhavam de encantamento.

— Que foi, Zeca? Será que a Bruna não faz o seu gênero? — indagou Graça, quase rindo. Como ele se mostrasse encabulado, Osvaldo mudou de assunto:

— E o trombadinha verdadeiro? Já descobriram quem é?

— Descobriram nada.

— Você não suspeita de alguém?

— Não, não suspeito. Quanto mais eu penso, mais acho que não foi *boy*.

Graça levantou novamente a cabeça da prancheta.

— E talvez não seja mesmo! Por que teria de ser *boy*? Isso é discriminação!

Osvaldo levantou o braço, pedindo tempo para ele:

— Nos clássicos policiais, o culpado é sempre a personagem da qual ninguém desconfia. Portanto, é só procurar alguém acima de suspeitas e teremos o ladrão misterioso.

— Que tal você? — brincou Graça.

— Eu sou suspeito! Se fizessem um levantamento do meu saldo bancário, constatariam que tenho pelo menos um bom motivo!

Graça e Zeca riram da piada. Em seguida, ela discordou:

— Essa teoria nem sempre funciona. Quando aparece mulher morta, por exemplo, o primeiro suspeito é sempre o marido. E, geralmente, é ele mesmo o culpado.

— Sua feministazinha!

Riram novamente, após o que o redator acrescentou:

— Se não tivesse tanto trabalho, ia investigar esse caso. E solucioná-lo, claro.

Graça aproveitou-se da animação do companheiro e cobrou:

— E, por falar em trabalho, temos outro mistério para desvendar...

— Ah, é...? Que mistério? — estranhou Osvaldo.

A diretora de arte pegou um par de sandálias plásticas, no armário às suas costas, e apresentou:

— Por que é que o público consumidor não compra esta droga de sandália? Está errada a comunicação ou o produto?

A insuspeita beleza de Bruna

— Que isso, garoto? Vai jogar comida no lixo?

— Estou sem fome.

— É porque está com o nariz cheio! Se passasse o que passo em casa, você comia até capim temperado!

Zeca estava tão habituado às intromissões da copeira, que já não se importava. Atirou o resto de comida na lixeira e começou a ensaboar a marmita. Da mesa da copa, Ermelinda conferia a operação e resmungava:

— Podia ao menos ter oferecido a salada! Eu não sou orgulhosa, não!

Ele tinha certeza de que a mulher não aceitaria. A copeira gostava mesmo era de meter o bedelho onde não era chamada. De qualquer forma, era tarde, a salada fora para o lixo.

Ponderava justamente sobre o assunto, quando Russinho ofereceu:

— Quer o meu ovo? E ela, desaforada:

— Ovo por ovo, fico com o meu, que sei de onde vem!

— Bem feito! — repreendeu Claudionor. — Quem manda ser oferecido?

Enxugando a marmita, Zeca observava o ambiente carregado entre os colegas. À exceção do Russinho, que ainda arriscava alguma brincadeira, os demais comiam sem falar. Desde o último roubo, podia-se sentir a tensão crescendo, dia após dia.

Nem o Carlinhos, antes tão falante, se animava, com receio de que Maurício revelasse seu segredo de surfista feirante. Um tanto constrangido, Zeca tentou quebrar o gelo:

— Vocês estão sabendo que a Bruna Lombardi vem na agência, hoje?

Claudionor zombou:

— Não, Zeca... Só contaram pra você.

Russinho riu debochado, os demais não ligaram a mínima. Até Maurício mostrava-se mudado, desde que Zeca se negara a acompanhá-lo no plano contra Carlinhos. No momento em que deixava o refeitório, Zeca ainda teve de ouvir:

— Já vai atrapalhar a Sarita? — indagou Ermelinda. — A menina não tem mais tempo nem pra ir ao banheiro!

Sarita não estava na agência; provavelmente, saíra para almoçar com as outras secretárias. Zeca pegou um jornal do dia, foi ler no pátio.

Pretendia ver as notícias do futebol, porém lembrou-se de que precisava fazer um trabalho de escola e mudou para o noticiário local.

Felizmente, o ritmo de trabalho andava lento. Apenas Maurício e Shiro haviam saído para serviços externos, no período da manhã. E, após o almoço, ninguém ainda saía. Só faltava alguém vir passar serviço no final do expediente, quando a Bruna chegasse.

Apesar do aparente descaso, o pensamento dos *boys* convergia para o mesmo ponto.

E Russinho, que já conhecia a artista de outras visitas, contrariava:

— Que Bruna, que nada! Parece que nunca viram mulher!

— Igual à Bruna, não! — defendeu Carlinhos. Claudionor agarrou a oportunidade e carregou na ironia:

— Por que você não convida a Bruna pra surfar na sua prancha nova?

Carlinhos desmanchou a pose. Olhou com o rabo dos olhos na direção de Maurício e calou -se.

Russinho seguia contrariando:

— Eu prefiro a Sônia Braga... Ou a Glorinha.

Na verdade, discutiam com o propósito determinado de empatar tanto tempo ocioso. E ainda esticavam aquele jogo de falar e contrariar, quando a copeira surgiu à porta, presa de uma incrível empolgação.

— Ela chegou! Ela chegou!

— Quem? A Bruna?

— Sei lá como se chama! A tal da artista!

Bastou anunciar, e debandaram todos ao mesmo tempo. Russinho e Claudionor na frente.

— Ué. .. — estranhou Zeca. — Vocês não estavam dispensando a Bruna?

Ninguém deu a menor atenção ao comentário. No corredor, tentavam disfarçar, cada um à sua maneira, para não darem na vista.

— Ela entrou na sala do Osvaldo! — revelou Russinho. Os *boys* puseram-se, então, a circular diante da porta, como se fossem para o estúdio de produção. E o pessoal do estúdio, na mão inversa, passava diante da porta aberta, como se tivesse o que fazer no outro extremo da agência.

No auge da empolgação, surgiu Giba e comandou:

— Russinho... Vá lá na expedição, que tem serviço pra você.

— Agora?

— Neste minuto!

O *boy* desmanchou-se em desapontamento, enquanto o chefe ria um riso de canto de boca. Sem outro remédio, Russinho encaminhou-se para o departamento mencionado, ouvindo Giba dizer:

— Eu pretendia mandar o Zeca... Mas como você disse que não estava se importando o mínimo com a Bruna...

A presença da atriz e modelo acabara com a rotina da agência. De repente, todos queriam vê-la, incluindo-se o pessoal do pavimento superior, da administração e da contabilidade. Zeca mal continha a emoção.

Alimentava, no fundo, a esperança de que Osvaldo o chamasse à sala, para atender a algum pedido, porém, a expectativa não se concretizou.

Por fim, chegou quem faltava. Gervásio estranhou ver tanto *boy* circulando pelos corredores.

— Vocês não têm o que fazer, não? Se não têm, fiquem na própria sala!

Zeca e os garotos recuaram uns poucos passos e se puseram na espreita. Diante de Giba, o chefe de pessoal interrogou, baixando a voz para não ser ouvido:

— Onde ela está?

— Está aí... Na sala do Osvaldo.

Gervásio encaminhou-se até a porta com o papel branco na mão, pediu licença e entrou. Do lado de fora, os *boys* ouviam atentos, de ouvidos colados na divisória.

— Desculpem-me a intromissão... Eu sou o chefe de pessoal. Sabe o que é, Bruna... Eu tenho uma sobrinha, que adora ver você na televisão...

Ela queria um autógrafo...

— Ah, pois não.

Após o breve intervalo, ouviram-no agradecer:

— Muito obrigado mesmo. Estou emocionado e tenho certeza de que ela também ficará.

— Não tem de quê.

— Foi uma imensa satisfação... Agora, se me dá licença, o trabalho me chama. Sabe como é...

Deixou a sala, corado como um peru. No corredor, arrancou o riso do rosto e mudou de tom:

— Giba! Não quero ver *boy* fora da sala, que não seja a serviço!

Entendido?

— Sim, senhor!

Antes que a situação se complicasse, Zeca e Maurício tomaram a dianteira e rumaram em direção à sala. Maurício empurrou a porta, mal-humorado e surpreendeu-se vivamente:

— O que você está fazendo com a minha mochila? Mediante o impacto da porta se abrindo, Shiro deixou cair a mochila no chão. Com o rosto muito espantado, não sabia se olhava para o *boy* ou pegava a mochila.

— Que história é essa de fuçar nas minhas coisas? Shiro se abaixara para pegar a mochila Maurício avançou e arrancou-a das mãos dele, ao mesmo tempo em que entravam os demais.

— Que aconteceu? — quis saber Claudionor.

— O Shiro estava revistando a mochila de Maurício! — revelou Zeca.

Todos os olhares fixaram-se no mesmo objeto. Porém Shiro não abria a boca. Frente a tanto mutismo, Zeca atravessou a sala e foi examinar:

— Se mexeu nas minhas coisas, vai ter de se explicar direitinho!

Finalmente, Shiro conseguiu balbuciar:

— Eu estava procurando uma borracha...

— Borracha? Eu nunca tive borracha!

— Pensei que tivesse.

Shiro explicou e foi sentar-se no canto da mesa. À sua frente, mantinha aberto o inconfundível manual de micros. Giba examinou de relance e perguntou:

— Onde você ia usar borracha, se não há nada escrito a lápis?

Apesar da insistência do chefe e dos olhares indagativos dos companheiros, Shiro manteve a cabeça baixa e a boca fechada.

Dúvida cruel

A vinda de Batista alterou profundamente o ritmo de trabalho da agência. Graças à sua intervenção, foram contratados novos

funcionários para o estúdio de produção e trocados alguns fornecedores de serviços gráficos. Com isso, a agência ganhara um dinamismo novo e todos mostravam-se satisfeitos.

— Você deve estar orgulhoso, não, Zeca?

— Eu sabia que o Batista corresponderia.

— Convencido!

— Não é isso, Sarita. Se o convidaram, deviam saber que se tratava de um bom profissional.

Nos últimos dias, Zeca e Sarita haviam se transformado em companhia constante. Após o almoço, sentavam-se no banco de madeira do pátio interno e gastavam conversa. Naturalmente, muitos reparavam e poucos acreditavam que tudo não fosse além de uma simples amizade.

Nos últimos dias, Zeca e Sarita haviam se transformado em companhia constante.

— Batista está com toda a moral... — recomeçou Sarita. — Qualquer dia, ele chama você pra trabalhar na produção.

Zeca sentia-se meio ressabiado com a ideia. Tinha certeza de que os colegas o acusariam de protecionismo. E não errariam de todo. Afinal, ele entendia tanto de produção gráfica quanto qualquer outro *boy*. Como se mantivesse calado, Sarita insistiu:

— Poxa, Zeca, me diga o que você acha da ideia. Será que eu tenho de perguntar tudo?

— Se for pra melhorar de posição e ganhar mais... Sarita o examinava com ar divertido, ele percebeu:

— O que você vê de tão engraçado?

— Você me parece mais interessado em mudar de situação... Lembra-se quando conversamos pela primeira vez? Dava a impressão de que você queria se aposentar como *boy*...

Zeca riu, um tanto constrangido.

— Eu me lembro... Mas acho natural. Estava nas primeiras semanas de emprego, não sabia nem o que fazia um produtor gráfico.

Sarita mudou de tom:

— E na escola, como vai indo?

— Apesar de perder muita aula, estou bem de notas.

— Você costuma ler?

— Ler como? Livro de escola?

— Não... Além de livro de escola...



Nos últimos dias, Zeca e Sarita haviam se transformado em companhia constante.

Zeca sempre se embaraçava com as perguntas diretas de Sarita.

— Leio jornal... Já li uns livros policiais...

— E cinema? — tornou ela. — Você gosta? Costuma ir?

— Gosto, mas está muito caro. Tenho de escolher entre o cinema e o futebol. Os dois não dá.

Sarita escolhia as palavras com jeito:

— Trabalhando na produção, você vai ganhar mais... Porém, terá de se informar...

— O Batista vai me arranjar estágio numa gráfica.

— É um bom começo. Os produtores gráficos, geralmente, não têm formação superior... Porém, precisam se atualizar constantemente, assistir cursos, visitar exposições...

— Ora, Sarita... Eu vou ser assistente do assistente.

— É assim que começa! Batista também já deve ter sido...

Enquanto falava, abriu-se a porta que dava para o pátio e pareceu Glorinha, a tempo de ouvir.

— É assim que começa o quê, Sarita?

Como os dois se calassem, a recepcionista ameaçou voltar:

— Desconfio que interrompi algum assunto sério... Se quiserem, me retiro...

— Não interrompeu nada importante — tratou de justificar Sarita. —

Falávamos do assunto de maior ibope na agência.

Glorinha aproximou-se do banco, toda cheia de dengos:

— Atualmente, os maiores ibopes da agência são para esse namorico de vocês e para o assaltante misterioso.

— Era sobre isso que falávamos! — disfarçou Sarita.

— Sobre o namorico?

— Sobre os roubos! — corrigiu a secretária. Encabulado com as indiretas da garota, Zeca apenas ouvia sem manifestar-se.

Glorinha interessou-se:

— Quem é o suspeito mais cotado do dia? Será o Zeca? De repente, o reflexo do sol no peito de Glorinha despertou a atenção do *boy*. O sol refletira sobre a mesma joia que ela utilizara para a brincadeira, no dia em que se encontraram no *Shopping*. E, naquele instante, nasceu uma suspeita sobre a qual jamais cogitara.

No dia da brincadeira, acreditaram todos que ela havia simulado o roubo, colocando a corrente dela no bolso da sua jaqueta.

Um jogo de mau gosto, para que acreditassem que ele havia roubado a correntinha dela.

Agora, no entanto, ele imaginava uma hipótese diferente. Glorinha poderia muito bem ter roubado a corrente na loja, enquanto escolhiam o presente da mãe, e colocado no seu bolso, sem que ele percebesse. A brincadeira, na recepção da agência, fora apenas uma maneira de reaver a joia que ela roubara no *Shopping*.

Zeca não conseguiu ouvir mais nada do que elas diziam. Aquela ideia aparentemente absurda não lhe saía da cabeça.

Pensou em comentar com Sarita, mas desistiu. Capaz até de a amiga se ofender com tal suspeita. Porém, por mais que tentasse esquecer, não conseguia afastar aquela súbita desconfiança em relação a Glorinha.

Como a recepcionista tomasse conta da conversa, acabou se afastando, tal o incômodo que a presença da garota passara a lhe causar. E, na volta do expediente, como a ideia seguisse martelando a sua cabeça, jogou um verde para o lado de Maurício:

— Você já pensou que o ladrão misterioso poderia ser uma mulher?

— Claro que já!

A resposta veio de forma tão direta, que a ânsia cresceu-lhe no peito.

A custo conseguiu gaguejar:

— Quem... Quem você acha...

— Ora, bolas! A única que podia fazer uma coisa dessas é a copeira!

Uma ideia de mestre

— O que ele quer comigo?

— Não sei. Estou transmitindo o recado que recebi. Muito ressabiado, Russinho encarava o chefe, antevendo qual seria o desfecho. E, à sua volta, os companheiros não escondiam a tensão.

— É melhor subir logo — insistiu Giba. — O Gervásio está esperando.

Russinho observou as feições graves dos colegas e saiu pelo corredor de circulação. E como também o Giba se retirasse pela mesma porta, iniciou-se o fuzuê.

— Desta vez, o Russinho vai mesmo! — atirou Maurício. Claudionor levantou-se em defesa do amigo:

— Ninguém disse que ele vai ser despedido! Pode ser outra coisa!

— É mesmo! — concordou Maurício. — Vai ver que o Gervásio o chamou pra dar aumento! Ou uma medalha de honra ao mérito...

Ninguém achou graça. Zeca repreendeu:

— Poxa, Maurício... O Russinho não merece isso. Maurício acatou a ponderação, silenciando. No entanto, quando o clima prometia amainar, interveio Carlinhos, botando mais lenha na fogueira:

— Chato é mesmo! Mas está na cara que ele vai ser despedido! Vai ver até que descobriram alguma coisa...

— Descobriram o quê? — avançou Claudionor, levantando a voz.

— É isso mesmo! Vai ver que descobriram alguma coisa sobre os roubos!

Como Carlinhos sustentasse o dito, Claudionor passou a ameaçar de longe:

— Pode deixar... Se der sujeira, o Russinho vai contar umas histórias que ele conhece muito bem.

Carlinhos entendeu a indireta, porém não se intimidou:

— Aqui dentro, tem dois *boys* que não podem abrir a boca.

— Um deve ser você... — desaforou Claudionor. Mas o outro não titubeou:

— Um é você, que foi visto revistando a pasta de escola do Zeca...

Outro é o Shiro, flagrado com a boca na mochila do Maurício.

— Eu quero ver você provar!

— Aqui na sala tem pelo menos três testemunhas.

Zeca acompanhava a discussão sem interferir. No fundo, tinha quase certeza de que Gervásio chamara o Russinho para despedi-lo. Aliás, ninguém duvidava disso. Porém, Zeca preocupava-se primeiramente por saber que o colega seria despedido como suspeito de roubo. E, provavelmente, ele nada devia.

Assim que Russinho entrou na sala, confirmou-se o prognóstico geral.

— E aí? Que houve?

O questionamento de Claudionor tornava-se perfeitamente dispensável. Com os olhos, vermelhos, Russinho confirmou:

— Fui despedido!

— Por quê?

— Isso eu não sei.

— Vai cumprir aviso prévio? — interessou-se Maurício.

— Gervásio disse que não precisa. Amanhã, eu venho para receber o salário do mês e entregar a carteira.

Zeca sabia que qualquer palavra seria inútil. Levantou-se e foi até a produção falar com Batista.

— Acabaram de despedir o Russinho...

— A troco de quê? — estranhou o produtor. — Ele é meio folgado mesmo, mas é muito eficiente.

— Não sei. O Gervásio dispensou e disse que não precisa nem cumprir o aviso prévio.

— Troço chato!

Zeca ficou rodeando, e arriscou:

— Quem sabe, não dava pra falar com o Gervásio? Você mesmo disse que ele é um *boy* eficiente...

— Não dá, Zeca. Se eu não admito que ninguém dê palpites na produção, como é que vou interferir no departamento do Gervásio?

Frente ao visível desapontamento do garoto, Batista remendou:

— A única coisa que posso fazer é tentar descobrir a razão... E vou exigir outro *boy*, que não dá pra ficar brigando com outros departamentos toda vez que preciso de um.

Zeca entendia a posição do cunhado, porém não conseguia aceitar que, uma vez mais, Gervásio despedisse um *boy* por suspeita de roubo, enquanto o verdadeiro ladrão circulava impunemente pela agência.

Quanto mais pensava, mais claro lhe parecia que o verdadeiro autor era Glorinha.

De repente, toda a atração que sentia pela garota se transformara em antipatia profunda, a ponto de não suportar sequer ouvir a sua voz.

Tudo o que ela dizia soava falso, e o menor trejeito traía a afetação.

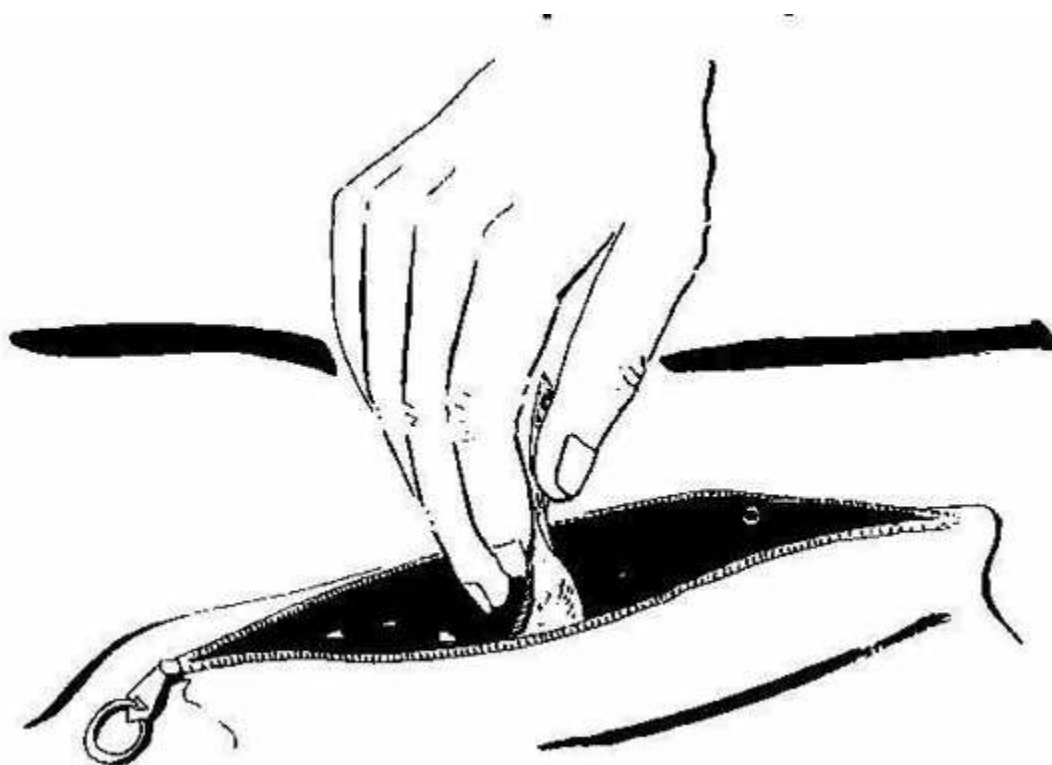
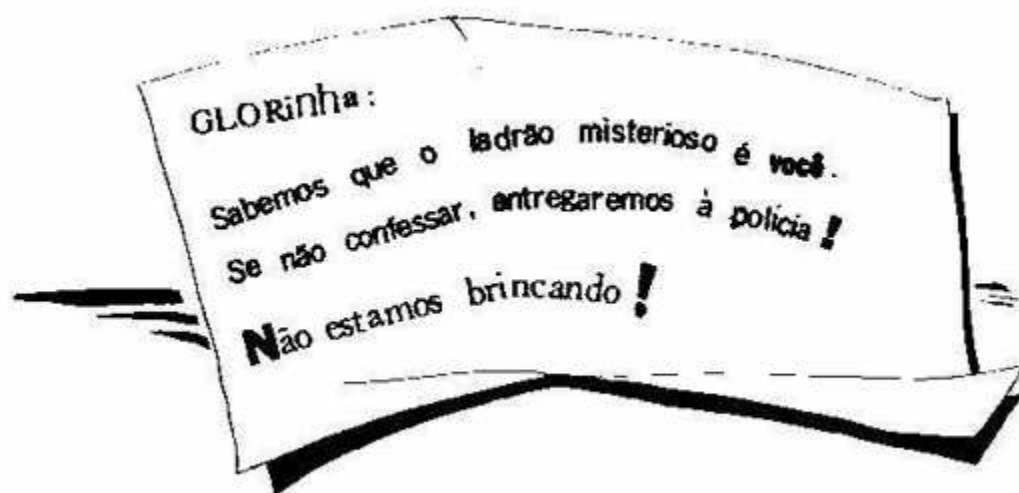
No entanto, a imagem da menina, na agência, tornava-se cada dia melhor.

Cogitavam até transformá-la em secretária. No íntimo, Zeca alimentava uma quase certeza de que, se a acusasse, acabaria se dando muito mal.

Se houvesse, pelo menos, uma maneira de flagrá-la...— Somente um flagrante faria com que acreditassem. E como conseguiria? Não podia sequer vigiá-la, pois passava mais tempo na rua do que na agência. Poderia chegar na frente dela e dizer que descobrira tudo. Sem provas? Seria a palavra dele contra a dela. Em quem acreditariam?

— Só se... Puxa! Por que não pensei nisso antes? — A solução estava ali, sobre a mesa do Batista: letras soltas, prontas para a produção de um anúncio. Ou de uma carta. Pensando bem, nem precisaria usar o material da agência. Bastaria recortar algumas revistas Batista voltou decepcionado:

— O Gervásio não quis falar sobre o caso do Russinho. Disse apenas



que teve razões muito fortes para fazer o que fez... — contou. E, mudando de tom, perguntou: — Você vai pra escola?

— Vou ficar mais um pouquinho... Já perdi a primeira aula mesmo.

Quando ficou a sós na agência, pôs em prática o plano. Só precisava de um pedaço de papel, cola e letras recortadas. Ao final, gostou do resultado.

Zeca introduziu o cartão na gaveta superior da escrivaninha, onde a recepcionista costumava guardar os objetos de uso pessoal. E, na saída, avisou o guarda:

— Não tem mais ninguém na agência. Pode trancar a porta.

Montando o quebra-cabeça

Dia seguinte, o clima mostrava-se mais ameno, apesar da dispensa de Russinho. Como fosse dia de pagamento, pensaram até em festa de despedida. A ideia não vingou, porque Maurício e o próprio Russinho estavam com os pagamentos comprometidos.

O apoio recebido também contribuíra para levantar o moral do garoto. Batista e Osvaldo, principalmente, telefonaram para tudo quanto foi gráfica e agência conhecidas e garantiram que logo ele estaria empregado.

Zeca só estranhava a falta de reação da Glorinha. Afora uma seriedade incomum, ela não se mostrava com cara de ladrão descoberto.

Será que não encontrara a carta na gaveta? Talvez tivesse encarado como brincadeira. Ou então — nem queria pensar — tudo não passava de uma fixação besta e ela nada tinha a ver com os roubos.

Zeca acabara de almoçar e saíra para o jardim do pátio interno.

Esteve ali brigando com seus pensamentos desencontrados, até a chegada de Sarita.

— Oi, Zeca... Então, o Russinho foi mesmo despedido?

— Foi. O Osvaldo e o Batista estão tentando arranjar alguma coisa pra ele, entre os conhecidos.

— Bem que a Glorinha falou... Zeca estranhou o tom.

— Falou de quê? Ela sabia de alguma coisa?

— Pouco antes do Gervásio chamar o Russinho, eu a ouvi dizer pra Angelina que ele não cumpriria nem aviso prévio.

Zeca lembrou-se da suspeita que o atormentava e sentiu a revolta crescer. Glorinha devia estar se divertindo com a história. E

sentindo-se intocável.

— Está pensando em quê, Zeca? — interrogou Sarita, sentando-se ao seu lado.

Zeca viu-se tentado a falar de suas suspeitas, porém conteve-se. Se estivesse erra do nas suas conjecturas, jamais se perdoaria.

— Não sei bem o que é... Nem comodizer, mas Glorinha tem alguma coisa que me desagrada...

— Poxa! E eu pensando que você era fã incondicional dela! — brincou Sarita.

Diante da seriedade do *boy*, mudou de tom:

— A Glorinha é muito fria. Precisava ver a maneira como ela falou sobre a dispensa do Russinho... Além disso, ela usa um tipo de ironia que fere as pessoas.

Zeca ouvia atento, os olhos fixos nos olhos dela. A tal ponto que a secretária sentiu-se pouco à vontade.

— Não me olhe desse jeito, não! Eu até evito falar da Glorinha, porque sei que ela é o xodó da agência... Mas tudo tem um limite!

Zeca sentiu-se aliviado com a explosão da amiga.

— Calma, Sarita. A questão é que eu também cheguei à mesma conclusão.

— Você tá falando sério?

— Seriíssimo!

— Eu não gosto de comentar, porque podem pensar que é despeito, mas a verdade é que a Glorinha não é nada disso que pintam na agência.

— Não é? O que você quer dizer com isso?

Sarita recuou, sentindo que falara demais. Zeca, ao contrário, intimava pela continuação:

— O que você sabe sobre a Glorinha? Fale, Sarita! Eu também tenho minhas desconfianças!

— Bem... Eu ando com um negócio entalado aqui... — a garota colocou o dedo indicador atravessado na garganta. — Um negócio que não consigo engolir.

— Puxa, Sarita! Será que é a mesma coisa que eu ando imaginando?

Em vista da receptividade, Sarita dispôs-se, enfim, a relatar o que sabia:

— Eu ouvi dizer que Glorinha anda recebendo presentes de alguém daqui da agência... Joias, roupas finas, presentes caros...

Zeca se surpreendeu:

— Como é que você sabe? Sarita brincou:

— Ah, Zeca, eu conto o milagre mas não digo quem é o santo.

Em seguida, arrematou, séria:

— O que posso te dizer é que essa pessoa, de passagem pela sala de Glorinha, ouviu um pedaço de conversa dela pelo telefone.

Zeca ponderou:

— Interessante... esses presentes explicam, de certa forma, o padrão de vida que ela leva, apesar do salário de recepcionista, mas até aí... Se existe

alguma transação é problema dela. Não sei se a gente tem o direito...

Sarita não o deixou terminar:

— É claro que ela tem todo o direito de receber presentes de quem quiser. Porém...

Ela tentou fazer suspense; Zeca atropelou:

— Porém o quê, Sarita?

— Quem me contou tem certeza de que não é nenhum alto executivo... É alguém da sala de *boys*.

— Por que essa certeza?

— Porque a pessoa ouviu Glorinha dizer no telefone que —... é, mas acho que ele nunca vai chegar a executivo —.

— Então só pode ser *boy* mesmo!

— Aí está! Esse *boy* deve ser também o ladrão misterioso. É a única explicação! Porém, o pior é que a Glorinha deve ter chegado à mesma conclusão, e aceita naturalmente.

Zeca estava de boca aberta. De repente, caiu em si:

— É o Carlinhos! Claro! Só pode ser ele!

— Cuidado com as acusações, Zeca...

— Calma, que eu já explico tudo.

— Então, explique.

O *boy* abriu um intervalo rápido para rememorar os fatos, e prosseguiu:

— O Carlinhos é o único que fala com a Glorinha em pé de igualdade.

E ninguém duvida que ele sente atração por ela...

— E quem não sente? — atalhou Sarita. Zeca ignorou, tornou ao seu raciocínio:

— Você é capaz de imaginar a Glorinha saindo com qualquer outro *boy*?

— Em parte, você tem razão. Porém, isso não prova nada contra o Carlinhos.

— Claro que não! É isto que estou tentando dizer! Sarita atrapalhou-se frente ao que lhe parecia uma contradição:

— Não entendi. Você não estava agora mesmo acusando o Carlinhos?

— Não é nada disso! O que estou tentando dizer é que o admirador anônimo da Glorinha só pode ser o Carlinhos. Isso não significa, porém, que ele seja o ladrão misterioso.

A garota balançou a cabeça em sinal de dúvida.

— Você está querendo dizer que a família do Carlinhos tem dinheiro... E que ele poderia bancar os presentes... É isso?

Antes que ele pudesse responder, ela juntou:

— Eu ainda acho muito dinheiro pra alguém que depende dos pais.

— Vou-lhe contar um segredo, e você entenderá tudo.

Depois de prevenir, Zeca relatou em detalhes toda a história levantada por Maurício, o sábado perdido em Itaberaba, até descobrir a verdade sobre Carlinhos. Ao final do relato, Sarita não conseguia disfarçar a surpresa:

— O Carlinhos... Feirante!?

— Exatamente.

— Então...

— Apesar de ter inventado umas mentirinhas bobas, a família realmente deve ter dinheiro. E, provavelmente, ele ainda recebe uns extras, ajudando os pais nos fins de semana.

Sarita não queria acreditar:

— É incrível!

Por fim, começou a raciocinar:

— Então, é daí que ele tira o dinheiro para as roupas, os tênis importados...

— E, talvez, para os presentes de Glorinha! — completou Zeca.

Ambos mostravam-se decepcionados com a conclusão. Sarita foi a primeira a reconhecer:

— Se for assim, minha teoria está errada. O admirador de Glorinha não é o ladrão misterioso...

— E a minha também — concordou Zeca. — Eu desconfiava da própria Glorinha, mas se ela recebe tudo de presente...

O ladrão misterioso ataca novamente

— Você já soube, Zeca?

— Soube de que, Sarita? Estou acabando de chegar da rua.

— Roubaram o Claudionor!

Zeca bateu, instintivamente, as mãos nos bolsos e sossegou. A parte do salário reservada para comprar uma camiseta nova estava no seguro.

— Está vendo? — considerou Zeca. — Despedem o Russinho e o ladrão misterioso volta a atacar! Até parece deboche!

— Ele deve estar se sentindo muito seguro.

— Ou ela! — corrigiu Zeca.

Sarita aproximou-se e perguntou quase cochichando:

— Você não está imaginando que a Glorinha...

— E por que não? — cortou ele, um tanto ríspido.

— De qualquer forma, ela está fora desta. Não veio trabalhar à tarde.

Telefonou dizendo que não estava se sentindo bem.

Zeca arregalou os olhos e frisou:

— Você não acha isso estranho? Primeiro, desaparece o dinheiro do Claudionor... Depois, ela não vem trabalhar...

Sarita discordou com um meneio de cabeça e completou:

— Já sondei o Claudionor. O dinheiro desapareceu agora, no período da tarde, quando ela já não estava.

— Ele tem certeza?

— Absoluta! Quando voltou do almoço, ainda estava com o dinheiro.

Se fosse realmente assim, ela estaria limpa. Diante da dúvida, Zeca decidiu investigar na fonte.

— Vou até a sala dar uma olhada. Pelo jeito, vem mais vexame pela frente.

Na sala dos *boys*, Claudionor caminhava de um lado para o outro, inquieto. Os companheiros, porém, mantinham-se calmos.

Não diziam nada, nem trocavam acusações como de hábito.

— Quanto roubaram, Claudionor? — indagou Zeca.

— O salário quase inteiro. Fiquei apenas com os trocados que estavam no bolso.

Zeca estranhou:

— Você não levou o salário para casa, ontem?

— Deixei no banco. Minha mãe só ia precisar pra amanhã.

Ermelinda e Carlinhos trocaram um olhar irônico. Aparentemente, não acreditavam na versão de Claudionor.

— Onde se encontrava o dinheiro quando desapareceu? — tornou Zeca.

— Dentro da mochila.

— Você já procurou bem?

— A mochila está aí. Quer revistar?

Então, Zeca observou que também Shiro e Maurício não levavam a sério a história contada pelo colega. Os dois riam, em cumplicidade, enquanto Claudionor repetia a ladainha.

— Eu quero o meu dinheiro! Não saio daqui sem o meu dinheiro!

Claudionor ainda protestava, no momento em que entrou o chefe dos *boys*, ditando:

— Gervásio disse que não quer nem saber! Se a gente não resolver o problema, ele chama a Polícia! Por isso, é bom você pensar bem se vale a pena!

O *boy* até cuspiu de raiva.

— Eu não tenho de pensar nada! Eu quero o meu dinheiro!

— O recado está dado! — concluiu Giba.

— Ah, é assim? Vocês vão ver uma coisa! Claudionor ameaçou e saiu da sala. Ermelinda correu atrás para bisbilhotar. Zeca não sabia o que pensar. Passados uns dois minutos, voltou a copeira com a novidade:

— Ele tá telefonando... Disse que o pai dele vem desempatar essa parada!

— Será que o pai vem mesmo ou vai fazer como o seu marido? —

castigou Carlinhos.

Antes que ela estrilasse, Giba opinou:

— A minha dúvida é se esse dinheiro foi mesmo roubado ou se é golpe.

Ninguém disse nada a favor ou contra. Zeca decidiu arriscar um palpite:

— Não entrou ninguém de fora, na sala?

— Ermelinda entrou várias vezes! E mexeu no armário! — acusou Shiro.

A copeira só faltou engolir o nissei com os olhos.

— Acontece que eu não sou gente de fora! Eu mexo no armário todo dia, porque é lá que ficam os aventais e os panos de limpeza! Mas nunca me pegaram revistando mochila de ninguém, como uns e outros aí...

Diante da indireta, Shiro engrossou:

— Eu não preciso tirar nada de ninguém! Se precisar de alguma coisa, meu pai dá! Não sou como você, que vive pedindo dinheiro até pra *boy*.

Quando a discussão ameaçava ganhar vulto, entrou o Claudionor, comunicando:

— Meu pai já está vindo pra cá!

— O que nós temos a ver com seu pai? — desaforou Carlinhos.

— Quem roubou o meu dinheiro vai ter! Isso eu garanto! E o homem veio mesmo, com toda a decisão de que era capaz.

Quando Gervásio pensou em falar, teve de ouvir:

— Meu filho já foi revistado pelo senhor, passou vergonha aqui dentro sem dever. Agora, levam o dinheiro dele e o senhor diz que não quer nem saber?

Diante do tom ameaçador, Gervásio tentou explicar:

— O problema é que não sabemos quem rouba!

— Pois vai ter de descobrir!

— Então, o senhor aguarde, que vou chamar a Polícia! Eu não revisto mais ninguém! Até porque sei que é inútil!

Assim que a decisão chegou à sala dos *boys*, Zeca correu contar ao Batista.

— Que besteira! Esse cara não percebe que será o maior escândalo?

Vou lá falar com ele! — disse ele e saiu à procura de Gervásio, ao mesmo tempo que o garoto tornava à sala dos *boys*.

Zeca não sabia o que pensar. Depois das conversas com Sarita, até as suspeitas sobre Glorinha perdiam sua razão de ser. Ela

seria no máximo beneficiária dos roubos. A não ser que todas as hipóteses aventadas estivessem erradas.

De qualquer maneira, o dinheiro devia estar na agência. Desde o momento em que Claudionor dera pela falta, ninguém mais saía para a rua.

Também, não devia ter sido fácil surrupiar a grana, já que raramente a sala dos *boys* ficava vazia.

A porta abriu-se enquanto Zeca estava em meio aos pensamentos, e entraram os homens.

Gervásio à frente, seguido pelo Batista e pelo pai de Claudionor.

— Vocês vão colocar todos os seus pertences sobre a mesa. Tudo sem exceção...

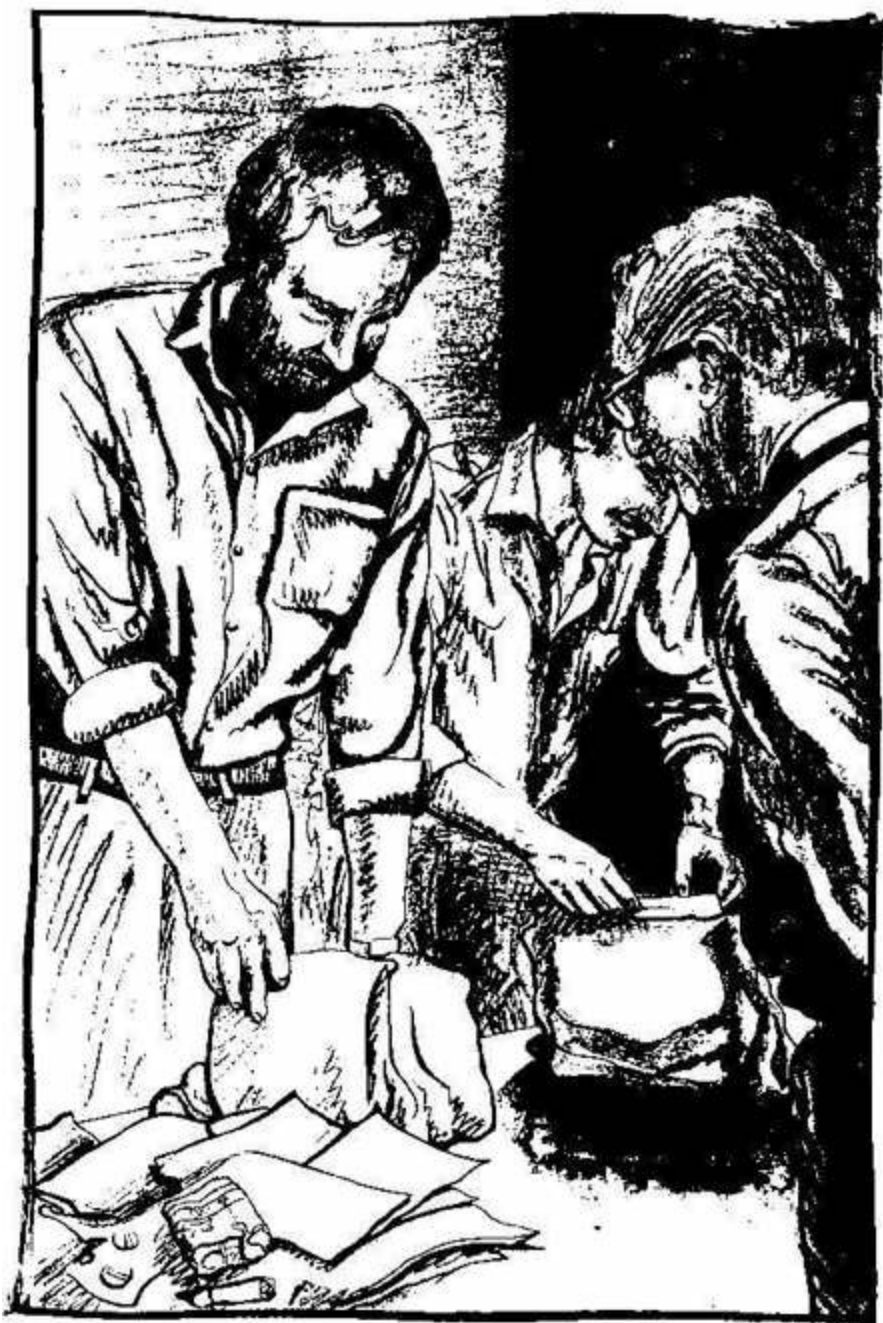
Incluindo-se mochilas, sacolas, bolsas, carteiras... Entendido, dona Ermelinda?

A copeira corou, mas não abriu a boca.

— Se vocês pensam que me agrada revistar funcionários, se enganam. Vocês devem é agradecer, porque eu já havia decidido deixar tudo por conta da Polícia.

Pastas, mochilas, sacolas, tudo foi vasculhado. Apareceu muita coisa, menos o dinheiro roubado.

Apenas Gervásio e Batista participaram da revista e todos receberam tratamento igual, incluindo-se a vítima, enquanto o pai de Claudionor tudo acompanhava. Pastas, mochilas, bolsas, sacolas, tudo foi vasculhado. E, em seguida, cada canto do armário. Apareceu muita coisa, menos o dinheiro roubado.



*Pastas, mochilas, sacolas, tudo foi vasculhado.
Apareceu muita coisa, menos o dinheiro roubado.*

Ao final, Gervásio voltou-se para o homem, suspirando:

— É como lhe disse: o dinheiro desaparece. Apesar de desagradável, teremos de recorrer à Polícia.

Visivelmente contrariado, o homem se dispôs a retirar-se:

— Se o senhor vai à Polícia, não sei! Mas eu vou!

— O que eu posso fazer, Batista, me diga? — suplicou o chefe de pessoal. Depois, virando-se para Giba, comandou: — Pode dispensar.

Erro fatal

Zeca apanhou sua pasta e acompanhou Batista, enquanto os companheiros ajeitavam seus pertences. A vistoria fora longa, o expediente terminara havia quase uma hora. De passagem pela sala das secretárias, estranharam encontrar Sarita.

— Ainda aqui? — indagou Zeca.

— Pensei em ficar pra lhe dar um apoio...

— Bem... Acho que estou sobrando... — brincou Batista, e saiu para o departamento de produção.

— E então? Como ficou? — inquiriu Sarita.

— Não ficou. O dinheiro evaporou-se.

A decepção transparecia nas feições cansadas de Zeca. Incomodada com o silêncio, a amiga considerou:

— Seria muita ingenuidade roubar e ficar com o dinheiro no bolso ou nos próprios guardados... O dinheiro pode estar escondido até no meu arquivo, esperando que o ladino volte para apanhá-lo.

— De qualquer forma, não seria tão fácil esconder o dinheiro em outro departamento... Não durante o expediente — contrapôs Zeca.

— Quando será que isso vai acabar?

Nesse instante, voltou Batista com o envelope pardo.

— Sarita... Por favor, peça a Angelina para passar este leva-e-traz amanhã logo cedo.

O pessoal da administração, agora, faz questão de ver uma cópia dos orçamentos.

— Tudo bem. Direi a ela, assim que chegar.

Batista colocou o envelope de comunicação interna na caixinha da mesa ao lado e retirou-se de volta ao seu departamento.

Desanimado, Zeca observava o monte de envelopes. Sabia vagamente que serviam para a comunicação entre os diversos departamentos.

Lembrava-se de haver entregue alguns, a pedido de Batista ou da criação.

Então, de repente, ocorreu-lhe a ideia:

— Me explique uma coisa, Sarita... Todos os envelopes de circulação interna passam por aquela caixa?

— Deveriam passar, porque Angelina é a encarregada da circulação.

Às vezes, porém, é mais prático pegar alguém de passagem e pedir para entregar...

— É... Estava me lembrando... Eu mesmo já entreguei muito envelope da produção pra criação e vice-versa.

— A caixinha é usada mais pra comunicação de um pavimento com outro. Ou dos diversos departamentos com a administração ... Por que todo esse interesse, agora?

Zeca ignorou o aparte; seguiu interrogando:

— Alguém na sala de *boys* se serve dos envelopes de comunicação interna?

— Da sala de *boys*? Ah, espera aí... O Giba usa, de vez em quando, pra mandar dinheiro ou documentos lá pra cima.

Zeca levantou-se, foi até a caixinha examinar.

— Você não repara se eu bisbilhotar um pouco? — pediu ele.

— Pode bisbilhotar à vontade!

Enquanto Sarita examinava o interior da bolsa, ele conferia os envelopes. Primeiro, observava origem e destinatário, escritos a tinta, no lado de fora. Em seguida, apalpava, tentando identificar o conteúdo. Vez ou outra, desamarrava o cordão para vistoriar o interior.

— Cuidado, Zeca... Pode haver alguma comunicação sigilosa para a diretoria... Você nem imagina o ciúme que a Angelina tem desses envelopes.

— Não deve haver mais ninguém na agência, além de nós e do Batista.

Zeca prosseguiu na operação, abrindo e fechando envelopes, até descobrir.

— Sarita... Veja só o que descobri dentro de um envelope sigiloso...

Dá para acreditar?

— Um presente?

— Um presente. Adivinhe quem é o destinatário...

— Glorinha?...

— Justamente! E o remetente?

Sarita não resistiu à curiosidade. Correu a examinar o envelope com os próprios olhos.

— Não há remetente? — perguntou, decepcionada.

— Não há remetente. Aliás, é o único sem remetente.

— Pela linha anterior, o último que recebeu este envelope foi o Gervásio.

Zeca não se preocupou com a constatação. Ela pegou a embalagem de presente de suas mãos e apalpou.

— Você está pensando o mesmo que eu? — tentou ela.

— A única maneira de saber seria abrindo...

— Não sei... — recuou Sarita. — Não é a primeira vez que alguém usa o leva-e-traz pra enviar objetos ou bilhetinhos apaixonados...

O *boy* retomou o pacote das mãos da secretária. Seus olhos curiosos queriam devassar o interior.

— De fato, o pacote está muito bem feito. Tem até os enfeites e o selinho do *Shopping*.

Os dois encontravam-se tão entretidos na análise da embalagem, que só se deram conta da porta depois que Giba já havia entrado. O susto foi tamanho, que Zeca deixou cair o embrulho no chão. Porém, ao contrário da expectativa, o chefe dos *boys* mostrou-se mais ressabiado que eles.

— Oi... Pensei que não havia mais ninguém...



*O susto foi tamanho que Zeca
deixou cair o embrulho no chão.*

No momento em que Sarita abaixou-se para pegar o pacote, Giba mudou de cor. Zeca adivinhou no ato e aproveitou-se da descoberta para inverter a situação:

— Vai me desculpar, Giba... Não resisti à tentação de examinar o presente que você mandou para Glorinha... Aliás, eu pensava que o admirador anônimo era o Carlinhos, mas você se entregou quando viu o presente no chão...

— Presente? Que presente? Eu não mandei presente pra ninguém!

— Não adianta negar, Giba. Eu e Sarita sabíamos que alguém da sala dos *boys* vinha presenteando a Glorinha. E o único *boy* que usa envelope de circulação interna é você.

O chefe dos *boys* manteve-se indeciso por alguns instantes, observando a embalagem de presente, nas mãos de Sarita. Em seguida, mudou de tom:

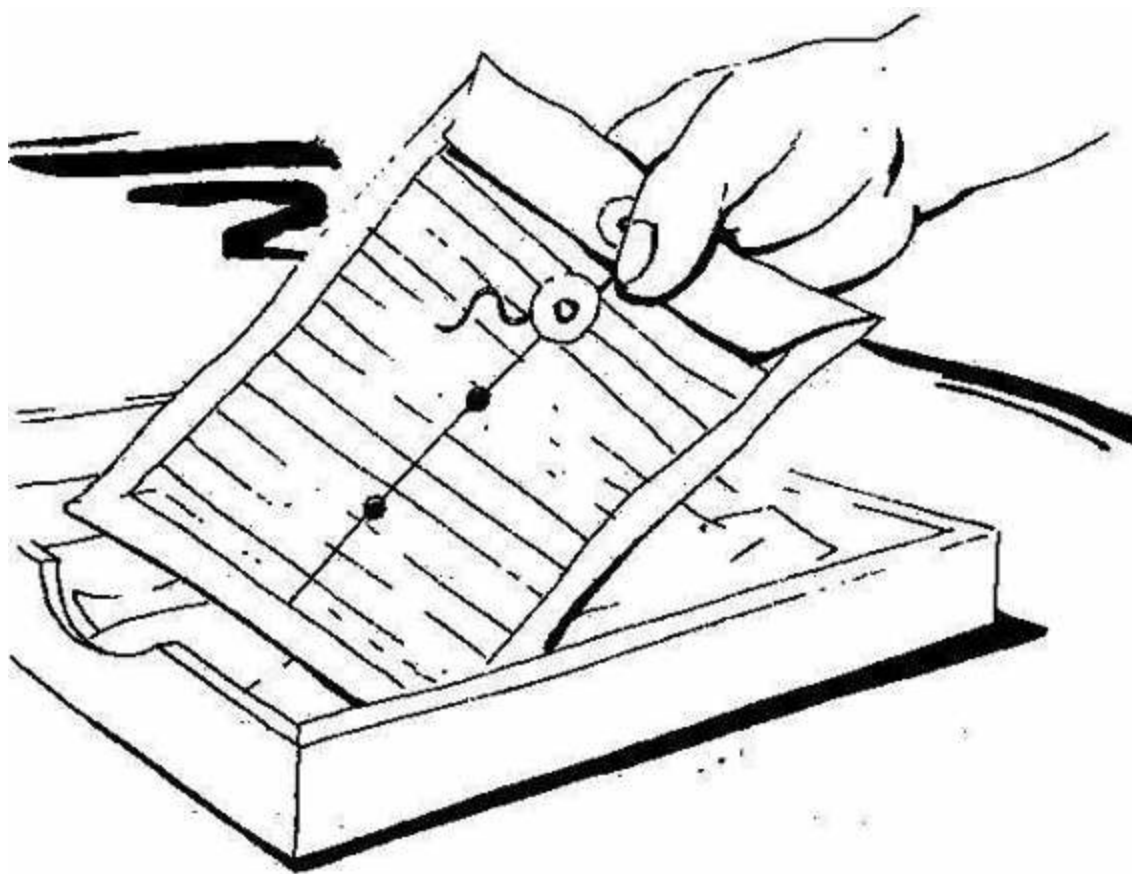
— Tudo bem, vocês me pegaram direitinho. Agora, me digam: é crime oferecer um presentinho para uma colega?

— De jeito nenhum! — correspondeu Zeca, risonho. — Ainda bem que é apenas um presente...

Giba estranhou:

— O que mais poderia ser?

— Eu cheguei a pensar que alguém tivesse embrulhado o dinheiro do Claudionor aí.



— Que bobagem! É um presente pra Glorinha, só isso. Comprei no *Shopping*, na hora do almoço...

— Tem certeza de que comprou no *Shopping*? — interrogou Sarita, para sua surpresa.

Zeca também não entendeu a pergunta dela. Giba reafirmou:

— Claro! Pretendia entregar-lhe à tarde, mas ela não veio trabalhar...

— Você está mentindo, Giba!

Zeca e o chefe voltaram-se ao mesmo tempo, um mais espantado que o outro.

— Que bobagem é essa, Sarita? — reagiu Giba, avançando alguns passos.

— Não reconhece a embalagem do *Shopping*?

Sarita passou o pacote para Zeca.

— Examine com atenção.

Giba não sabia o que dizer. Zeca revirou o embrulho de todos os lados, conferiu as emendas e observou contra a luz. Sem encontrar nada de anormal, devolveu à secretária.

— Se este pacote não foi feito no *Shopping*, o sujeito que o fez é um artista!

— Aí é que você se engana, Zeca. Este pacote não foi feito no *Shopping*. E quem o fez cometeu um erro grosseiro.

— Você tem certeza do que está dizendo?

— Absoluta! O selo e os enfeites são do *Shopping*, o papel não!

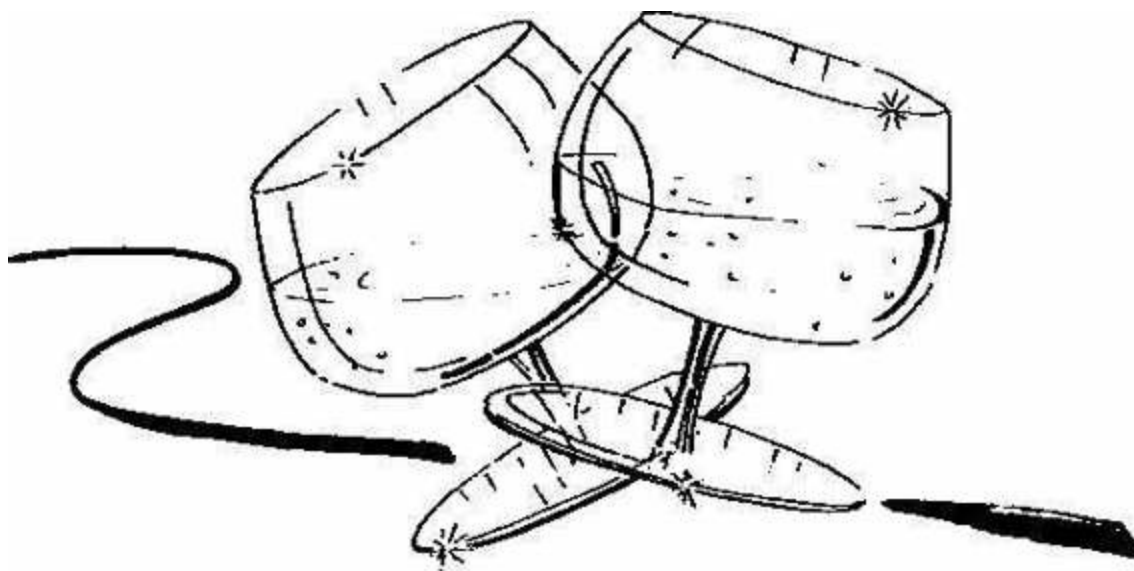
Diante de um Giba perplexo, ela mostrou o embrulho.

— Repare na decoração do papel...

— São nomes... — conferiu Zeca.

— Exatamente. São pequenos nomes impressos em série, que passam até despercebidos... Porém são os nomes de uma loja que não existe no

Shopping. Esta loja fica na avenida, na quarta ou quinta esquina.



Zeca tirou-lhe o pacote das mãos e começou a desembulhar.

— Cuidado pra não rasgar o dinheiro — preveniu Sarita. As mãos tremiam de nervosismo e ansiedade. A custo Zeca conseguiu desfazer o pacote. E lá estava todo o dinheiro de Claudionor, como Sarita previra.

Um final quase feliz

— Onde é que nós vamos almoçar?

— Eu estava pensando na cantina. O que você acha? Zeca arregalou os olhos.

— Na cantina? Poxa, Batista, meu salário não dá pra isso, não!

— Deixa pra lá! Hoje, você e Sarita são meus convidados. E não deu tempo para mais.

Sarita já se aproximava.

— Vamos?

A cantina fazia jus à fama. O ambiente era muito acolhedor. E as massas estavam deliciosas.

Mal dava tempo para falar.

— E então, Sarita? Quais são as novidades? — incentivou Batista.

— Tenho trabalhado como uma condenada, mas isso não é bem novidade. É a rotina do planejamento...

— Já deu pra perceber... — consentiu Batista. Depois, voltando-se na direção do *boy*:

— O Zeca não pode reclamar de rotina. A sala dos *boys* parece outra.

— É... Ontem, iniciaram os dois *boys* contratados para substituir o Giba e o Russinho. Sem falar do Carlinhos, que foi promovido a chefe de *boys*.

Batista fincou o indicador na fronte, como se lembrasse de algo. E

revelou, em seguida:

— Poxa, ia até me esquecendo. Telefonei, de manhã, para a gráfica do Romano e ele elogiou o Russinho. Disse que o garoto vai indo muito bem.

— Que ótimo! — alegrou-se Sarita. — Aliás, só tinha de dar certo mesmo! O Russinho é um garoto muito inteligente!

— Chato mesmo é o Giba... E a Glorinha — lembrou Zeca. — Será que eles vão conseguir emprego?

— Claro que conseguem! — opinou Batista. — Só espero que a experiência tenha lhes servido de lição.

Sarita tornou-se séria com aquelas lembranças.

— Às vezes, fico pensando se a gente não devia ter resolvido tudo entre nós mesmos... A humilhação que eles experimentaram diante do Gervásio e dos colegas foi uma coisa muito constrangedora.

— Foi realmente desagradável — concordou Batista. — No entanto, era preciso, Sarita. É justamente por ter sido muito desagradável, que eles

pensarão duas vezes antes de se meterem em outra encrenca.

Zeca matutou um pouco, depois colocou seu pensamento:

— Hoje, de certa forma, me dá pena. Mas, naquela noite, eu senti foi muita raiva.

Não podia esquecer que Tonho e Russinho haviam sido despedidos por causa deles. E também o Gervásio precisava saber das injustiças que cometera.

— É verdade... — concordou Sarita. — Felizmente, o Russinho não encontrou problemas pra conseguir emprego. E o Tonho, também, deve estar trabalhando. Era um garoto esperto, educado...

— Pior mesmo foi a Glorinha! — remendou Zeca. — O Giba chorou, confessou tudo, parecia até arrependido. Ela, porém, afirmava com a cara mais santa que não sabia de nada.

— Ela agiu com falsidade até o fim. Ninguém me tira da cabeça que ela premeditou tudo, no último roubo.

Batista desentendeu; Sarita explicou:

— A Glorinha sentia-se pressionada por causa da carta que Zeca colocara na sua gaveta.

Então, pra livrar-se das suspeitas, ela induziu o Giba ao roubo e não veio trabalhar à tarde.

— Graças a vocês, tudo foi resolvido. Zeca e Sarita assentiram em silêncio, mas estavam orgulhosos.

Assim, ficava evidente que não era ela a culpada.

— Induziu como? Pediu dinheiro?

— Giba confessou que ela lhe pedira dinheiro e ele não tinha. O que havia recebido de salário mal deu pra cobrir as dívidas de jogo no salão de bilhar.

A solução foi roubar, novamente.

Batista cogitou sobre o que acabara de ouvir e emitiu sua opinião:

— É por isso que acredito na regeneração dele. O Giba é apenas um adolescente que confundiu as coisas pra manter a situação com amenina.

Ele sabia que sem dinheiro não teria a menor chance. Aí se perdeu.

— Pra mim, até as dívidas de jogo vieram na esperança de conseguir dinheiro e manter essa situação absurda — juntou Sarita.

Zeca apenas concordava. Ele conhecia os detalhes da trama, ouvira a confissão de Giba e as defesas cínicas de Glorinha. O

que sentia de fato era um alívio muito grande.



— Graças a vocês, tudo foi resolvido.
Zeca e Sarita assentiram em silêncio, mas estavam orgulhosos.

— Felizmente, acabou. Nem acredito!

— É mesmo! — secundou Sarita. — Vocês repararam como o ambiente na agência está menos tenso?

— É verdade! Também percebi! — concordou Batista. — Tudo isso, graças a vocês dois.

Zeca e Sarita assumiram o elogio em silêncio. Batista questionou:

— Só há uma coisa que ainda não entendi bem... Eles usavam sempre os envelopes de comunicação interna ou o Giba utilizou naquele dia porque ela não estava?

Zeca esperou pela explicação de Sarita. Como ela não se manifestasse, ele tentou explicar:

— Na verdade, foi um detalhe que não chamou muito a atenção da gente, no momento...

Como o Giba voltou pra sala das secretárias, naquela noite, tenho a impressão de que ele só usou o envelope pra se livrar do dinheiro.

Após a revista, ele teria ido lá, pra resgatar o dinheiro roubado...

— Também penso assim. — concordou Sarita. — E não duvido nada que a Glorinha tenha sido usada, de outras vezes, pra tirar o dinheiro da agência.

— Enfim, acabou! — encerrou Batista. — Agora, vou dar uma lavada nas mãos, que o trabalho nos espera.

Zeca preparava-se para acompanhá-lo, Sarita colocou sua mão sobre a dele. E cobrou:

— E então? Pensou no convite que lhe fiz?

— Pro filme que vão passar no cursinho? Ante o assentimento dela, afirmou:

— Tá marcado! Vou com você!

— Que bom!

Agora, era Zeca quem segurava as mãos de Sarita. E assim permaneceram, longo tempo sem palavras, apenas os olhos dizendo coisas bonitas.

Fim do livro